

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**JORNALISMO POPULAR E VIOLÊNCIA:
WAGNER MONTES E O DISCURSO NA INCITAÇÃO AO
ESTADO POLICIALESCO**

MARÍLIA DE FREITAS LAMAS

RIO DE JANEIRO

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**JORNALISMO POPULAR E VIOLÊNCIA:
WAGNER MONTES E O DISCURSO NA INCITAÇÃO AO
ESTADO POLICIALESCO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

MARÍLIA DE FREITAS LAMAS

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral

RIO DE JANEIRO

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Jornalismo popular e violência: Wagner Montes e o discurso na incitação ao Estado policialesco**, elaborada por Marília de Freitas Lamas.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral
Escola de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Marcio Tavares D'Amaral
Escola de Comunicação - UFRJ

Prof. Ms. Phellipe Marcel da Silva Esteves
Escola de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2012

FICHA CATALOGRÁFICA

LAMAS, Marília de Freitas.

Jornalismo popular e violência: Wagner Montes e o discurso na incitação ao Estado policialesco. Rio de Janeiro, 2012.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral

LAMAS, Marília de Freitas. **Jornalismo popular e violência: Wagner Montes e o discurso na incitação ao Estado policialesco.** Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Com o agravamento do quadro de violência urbana, surge na sociedade uma demanda por medidas autoritárias e repressivas de combate ao crime, resultado do que a antropóloga Alba Zaluar chama de “medo estrutural”. Por meio de trechos de reportagens do programa *Balanço Geral*, da Record, este trabalho pretende mostrar de que forma o apresentador e deputado Wagner Montes aparece como um produto dessa demanda pública – fazendo reverberar o senso comum e o discurso que clama pelo que Jandira Feghali denomina “Estado Penal” – e, ainda, analisar como o uso do que se imagina ser a “língua popular” tem papel fundamental na sedimentação e aceitação desse discurso pela parcela do público que Wagner Montes pretende representar.

Aos autores de todos os livros que já li,
especialmente (mas não apenas) os bons.

AGRADECIMENTOS

A Rosy, David, João Paulo, Renata, Rogério, Glória, Thereza, Apparício, Maria e Elizardo, minha família, por tudo.

Ao Dan, fundamental. Pela companhia, a calma, o incentivo, a injeção de confiança, a incansável paciência e o amor que tornaram mais amenos os dias de elaboração deste trabalho, mesmo os mais difíceis – daí a sua presença em cada uma destas páginas.

A Gabriel Ritter, Luana Xavier, Jefferson Carrasco, Javier Abi-Saab, Louise Palma, Barbara Louise, Pedro Mansur, Igor Santos, Eloísa Grecco, Isabela Fraga, Guilherme Semionato, Lorena Cardoso, Sthephani Dantas, Philippe Noguchi e Maurício Meireles, amigos brilhantes que fiz na ECO, porque trouxeram inteligência e alegria aos meus anos de faculdade, que se encerram com esta monografia.

A Augusto Gazir, Fernando Mansur, Beatriz Jaguaribe, Paulo Vaz e a todos os grandes professores que tive ao longo do curso de Comunicação Social, pela contribuição à minha formação.

Ao Marcio Tavares D'Amaral, que não entrou na lista de professores nem na de amigos porque, sendo professor e amigo, merece uma linha só dele. O melhor professor e uma das melhores pessoas que conheci na vida.

Ao professor Muniz Sodré, que tive a honra de ter como meu orientador, pelos esclarecedores e valiosíssimos encontros para a discussão deste trabalho, e à professora Raquel Paiva, pelo empenho com que conduziu os alunos de Projeto Experimental II ao encontro do diploma.

Ao amigo Phellipe Marcel, pela leitura atenciosa deste trabalho, pelas preciosas observações e reflexões, pelas recomendações bibliográficas e por me emprestar um pouco de seu tempo e de seu brilhantismo.

Ao Daniel Tambarotti, meu chefe, pela flexibilidade e a compreensão fundamentais para que eu pudesse concluir esta monografia.

Sem debater fatos,
Que a fama da minha cor fecha mais porta que zelador de orfanato.
Cê sabe o quanto é comum dizer que preto é ladrão
Antes *memo* da gente saber o que é um.
Na boca de quem apoia a desova
E se orgulha da honestidade que nunca foi posta a prova.
(Emicida, *Cê lá faz ideia*)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. A VIOLÊNCIA NO RIO DE JANEIRO E A DEMANDA PÚBLICA PELO “ESTADO PENAL”	14
3. A PRODUÇÃO DISCURSIVA DO “FILHO DO DONO”: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DE WAGNER MONTES	25
3.1 Wagner, menino de Caxias: a vida antes da TV.....	25
3.2 O comunicador: trajetória no rádio e na televisão.....	27
3.3 Casamento e família.....	30
3.4 Religião: fé em Deus contra o “capiroto”	33
3.5 O acidente de triciclo, a perda da perna e a “volta por cima”	34
3.6 Política: “O Rio precisa é de um xerife”	36
4. <i>BALANÇO GERAL</i> : “JORNALISMO SEM MEIAS PALAVRAS”	40
4.1 O público: o jornalismo popular e as classes C, D e E.....	40
4.2 Linguagem: a fala não globalizada, ancorada no imaginário de periferia.....	45
4.3 – O discurso na incitação ao estado policialesco.....	54
4.3.1 – Escracha! Os bordões de Wagner Montes.....	54
4.3.2 – Análise de reportagens.....	58
5. CONCLUSÃO.....	68
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70
7. ANEXO I: ENTREVISTA COM WAGNER MONTES.....	I
8. ANEXO II: FOTOS DA REVISTA “SÉTIMO CÉU” ESPECIAL DE 1981 E CAPAS DE DISCOS DE WAGNER MONTES.....	VII

1. Introdução

“É guerra mesmo: de um lado, a vagabundagem, de outro, a polícia. Pau nos bandidos! Quem refresca bunda de pato é lagoa”. Ditas pelo apresentador Wagner Montes enquanto comentava uma reportagem de seu programa, o *Balanço Geral*, sobre um confronto entre policiais e traficantes, essas frases sintetizam os temas discutidos neste trabalho. Trataremos aqui do modo como o grave quadro de violência urbana provoca na sociedade uma urgência por medidas agressivas de repressão ao crime e acende discursos de defesa do uso da força policial para conter a violência – é a instituição que chamaremos de “Estado policialesco”. Nosso objeto de estudo, o deputado estadual e apresentador de TV Wagner Montes, que comanda de segunda a sexta o programa *Balanço Geral*, na Record, é apresentado aqui como um produto evidente desse quadro.

Outro aspecto fundamental de nossa discussão – também compreendido nas aspas que dão início a este texto – é o modo como linguagem e política se entrelaçam: na contramão da língua “transnacional” e padronizada do telejornalismo brasileiro, Wagner Montes fala um português totalmente ancorado numa comunidade específica, identificado com a população que vive nas periferias do Rio de Janeiro. A fala do apresentador do *Balanço Geral* admite os regionalismos, o sotaque, os vulgarismos, as expressões populares e tudo aquilo que é tido como “erro” pela chamada “norma culta” seguida pela maior parte do nosso telejornalismo. Com isso, preenche a lacuna deixada por um jornalismo “asséptico”, com o qual essa parcela da população não estabelece nenhuma identificação.

Como base para essa discussão, o segundo capítulo trará um panorama da violência urbana no Rio de Janeiro e pretende discutir as condições que podem levar à violência, como a miséria e a desigualdade social – numa sociedade que valoriza o consumo e os bens materiais. Autores como Gilberto Velho, Jandira Feghali, Alba Zaluar, Michel Misse nos ajudarão nessa empreitada. Mas o segundo capítulo (e todo este trabalho) se atém muito menos às causas, propondo-se a estudar uma das consequências evidentes da violência urbana: o medo, que ao se instalar na sociedade produz discursos autoritários e provoca um clamor público por medidas agressivas de

combate e repressão ao crime. É uma sociedade amedrontada que legitima e incentiva esse tipo de discurso.

Em seguida, partiremos para um estudo da biografia de Wagner Montes, para descobri-lo como personagem. Estarão em pauta sua história anterior à fama – a infância pobre em Duque de Caxias e seus diversos empregos, de ajudante de garçom a vendedor de camisas – , a trajetória no rádio e na televisão, a vida pessoal, o casamento, a família, o gosto pela internet, o lado religioso, o caso do acidente que o fez perder a perna, em 1981, e, finalmente, sua carreira na política e sua simpatia pela polícia, refletida em seu modo de pensar segurança pública. Todos esses aspectos são condições de produção das posições-sujeito que Wagner Montes assume, e o propósito do terceiro capítulo é justamente apresentá-los como partes constituintes de nosso objeto de estudo. Como Montes ainda não teve sua biografia publicada, diversas entrevistas e matérias de jornais impressos e on-line servirão como base para essa análise, além de uma entrevista realizada por e-mail com o apresentador pela autora.

No quarto capítulo, depois de já devidamente apresentado o nosso protagonista, partiremos para uma análise mais direcionada ao seu atual palco: o programa *Balanço Geral*. A partir de dados de audiência levantados pelo Ibope (obtidos junto à rede Record), a primeira parte do capítulo se propõe a conhecer o público do programa, especialmente no que diz respeito a sua classe social, e compará-lo com o de outras atrações exibidas pela Globo no mesmo horário em que o *Balanço Geral* vai ao ar. Cabe ainda uma comparação entre os telespectadores do programa de Wagner Montes e os leitores do jornal *Meia-Hora de Notícias*, já que ambos têm muitas semelhanças quanto à escolha das pautas e o tipo de linguagem usada, como veremos adiante.

Outro aspecto fundamental do quarto capítulo é o estudo da linguagem. A proposta aí é analisar de que modo o uso que Wagner Montes faz da língua contribui para a aceitação e facilita a reprodução de seu discurso e de seu modo de pensar segurança pública. Partimos do pressuposto de que a opção de Montes e da Record pela apropriação da chamada “linguagem popular” é uma aposta na empatia e na identificação do público com o apresentador. A fala de Wagner Montes em seu programa, como dissemos, é plenamente ancorada e identificada a uma comunidade, assumindo a periferia do Rio de Janeiro em seu sotaque, suas gírias e expressões.

Sendo assim, torna-se inevitável que boa parte do público se identifique plenamente com Wagner Montes e com sua fala – preenchida pela incitação ao Estado policalesco, agressivo. Quando o apresentador repete gírias e frases prontas como “bandido deve ser tratado como bandido”, torna-se evidente que seu discurso é um reflexo do senso-comum. Mas Wagner Montes não apenas reproduz, mas também (e principalmente) influencia e norteia parte desse senso-comum. Seus bordões – “Escracha!”, “Pra cima deles!”, “Larga o aço!” –, que analisaremos no capítulo 4, dão forma e reforçam preconceitos e estereótipos já presentes no imaginário popular.

O quarto capítulo traz também um contraponto à língua utilizada no *Balanço Geral*: a padronização da linguagem que caracteriza o jornalismo da TV Globo (famosa pelo “padrão de qualidade”). Aqui não se pode perder de vista que a língua é a base do discurso – e que portanto é impossível separá-la do social. Dessa forma, acreditamos que a escolha da Globo pela padronização – excluindo de seus telejornais os regionalismos, os vulgarismos e as marcas da fala popular e, com isso, o próprio povo – é uma prova de que estética e política caminham mesmo juntas. Estudiosos da Análise do Discurso e do jornalismo, Bethania Mariani e Phellipe Esteves (que em seu trabalho estuda os manuais de redação e o jornal *Meia-Hora de Notícias*) serão nossos principais condutores nessa etapa.

Por fim, serão transcritas e analisadas cinco reportagens do *Balanço Geral* (e, mais importante, os comentários que o apresentador fez ao final de cada uma delas), escolhidas menos pelo período (há reportagens de 2009, 2011 e de 2012, algumas delas assistidas ao vivo e outras acessadas via YouTube) e mais pela relevância de seu conteúdo para este estudo. Foram escolhidas cinco matérias de conteúdo significativo, mas outras tantas poderiam ter sido eleitas: o *Balanço Geral* é uma fonte diária e inesgotável de exemplos de valorização da polícia, do incentivo ao uso da força no combate ao crime e de apropriação da linguagem popular para o fortalecimento de um discurso.

No encerramento deste trabalho, portanto, serão apresentados cinco recortes do programa de Wagner Montes que evidenciam as muitas formas pelas quais a incitação ao Estado policalesco se dá a partir do discurso: o jovem viciado em crack que buscou espontaneamente a ajuda da polícia para se livrar da dependência, os policiais da

Unidade de Polícia Pacificadora que assumiram o papel de professores das crianças da Cidade de Deus, os menores infratores que foram resgatados de dentro de uma viatura policial, os três homens mortos após trocar tiros com a polícia e o assalto a uma escola em Pedra de Guaratiba. O que interessa aqui não é tanto a escolha das pautas – embora a predominância de assuntos que envolvem a polícia também seja um aspecto relevante para nossa análise –, mas sobretudo a forma como Wagner Montes conduz cada uma dessas narrativas e classifica seus personagens. Afinal, como discutiremos mais adiante, o jornalismo ocupa um lugar de julgamento em nossa sociedade, e o *Balanço Geral* não abre mão dessa função.

2. A violência no Rio de Janeiro e a demanda pública pelo “Estado Penal”

Uma das teses mais difundidas nos debates sobre a criminalidade no Brasil (e no mundo) é a de que a violência é fruto da desigualdade econômica. Quando se compreende, porém, a natureza simbólica da exclusão a que boa parte da população é submetida, percebe-se que a teoria é apenas parcialmente verdadeira. A pobreza, *per se*, não é fonte de violência, mas, numa sociedade em que se admitem a riqueza, o consumo e a posse de bens materiais como valores hegemônicos, a própria desigualdade social pode interpelar o sujeito de modo a fazê-lo reproduzir um comportamento socialmente violento.

Como aponta Bezerra Júnior, numa cultura que enaltece a posse de dinheiro como expressão de sucesso, a pobreza implica justamente o contrário – significando restrição não só material, mas também simbólica –, e por isso precisa ser negada de todas as maneiras, inclusive violentamente.

Ser alguém, hoje em dia, é ser um *winner*, um vencedor, alguém que se destaca por conquistar o que todos almejam, mas poucos atingem, alguém que realiza o desejo que muitos, os *losers*, os fracassados, se contentam em fantasiar. Numa cultura que avaliza e incentiva a competição a qualquer preço, nada é limite para quem pretende realmente vencer, *win*. Nem mesmo a morte. (BEZERRA JÚNIOR, 2006, p.50)

Comumente apontada como origem da violência, a desigualdade costuma ser atribuída ao individualismo que organiza a vida social nas metrópoles urbanas brasileiras. Aqui, vale lembrar que há nações em que a ideologia dominante não é a individualista, mas a coletivizante — consideremos a Índia, por exemplo —, e há grande desigualdade também. O contrário também é válido: há nações em que a ideologia individualista se mostra ainda mais marcante que no Brasil (por exemplo, os Estados Unidos) e que não experimentam a desigualdade de maneira tão gritante quanto aqui.

Diante disso, pode-se questionar se não seria essa realidade desigual mais um produto do próprio modelo do Capital do que do capitalismo. Afinal, Mészáros (1993) define o capital como um “sistema poderoso e abrangente, tendo seu núcleo constitutivo formado pelo tripé capital, trabalho e Estado, [...] um sistema que não tem limites para a

sua expansão (ao contrário dos modos de organização societal anteriores, que buscavam em alguma medida o atendimento das necessidades sociais)”¹.

Mészáros argumenta que o capital é “anterior e posterior ao capitalismo”, sendo assim “um sistema de comando cujo modo de funcionamento é orientado para a acumulação, e esta pode ser assegurada de muitas formas diferentes”, não necessariamente pelo pensamento individualizante que rege o capitalismo.

De qualquer forma, nos parece inegável que o individualismo e a desigualdade – seja qual for sua origem – têm mesmo relação direta com a banalização da violência, como explica Gilberto Velho:

À medida que o individualismo foi assumindo formas mais agonísticas e que a impessoalidade foi, progressivamente, ocupando espaços antes caracterizados por contatos *face to face*, a violência física foi se rotinizando, deixando de ser excepcional para se tornar uma característica cotidiana. Este processo não se deu apenas entre as classes, mas, de modo dramático, assumiu formas alarmantes dentro das próprias camadas populares. (VELHO, 2004, p.6)

No Brasil, ao mesmo tempo em que há desigualdade, pobreza e miséria, enaltece-se a posse de dinheiro e bens materiais como elementos fundamentais para o reconhecimento social, para a legitimação do sujeito na sociedade. Isso pode ajudar a explicar, segundo Bezerra Júnior, a quantidade de jovens seduzidos pelo tráfico de drogas: são os laços que às vezes unem a violência às áreas de população em situação de pobreza.

Não é pelo dinheiro, puramente, que meninos pobres aceitam pôr suas vidas em risco ao se envolver com o tráfico, mas por aquilo que é intangível, pelo status que eles – que desde que nasceram aprenderam a ser subjugados, a desejar os carros, os tênis, o poder e o reconhecimento social que dificilmente poderão ter – então passam a ostentar, na forma de admiração ou medo.

A violência, desse modo, é uma maneira de deixarem de ser invisíveis, como diz Luiz Eduardo Soares (2006), impondo sua presença ao olhar do outro. Velho também aponta como motivadores da violência – além do desejo de status e reconhecimento – o ressentimento e a busca por uma espécie de vingança que a desigualdade ajuda a gerar:

¹ *O marxismo hoje: entrevista com István Mészáros*. Entrevista do autor para a revista *Montly Review*, em 1993, posteriormente traduzida na revista *Crítica Marxista*. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/cm_2.7.pdf

Há inúmeros relatos de assaltos a residências de camadas médias e elites em que fica evidente o fascínio de jovens criminosos, pobres, por bens de consumo. São símbolos de status e objetos de desejo que motivam ações violentas e arriscadas. A brutalidade e a crueldade, frequentemente exercidas, traduzem de modo gritante essa dimensão de ressentimento e busca de um tipo de vingança. (VELHO, 2004, p.2)

O estado de violência é, portanto, um reflexo do modo de organização social implantado no Brasil: aqui, diz o professor Michel Misse, nós não completamos o processo de incorporação das massas ao capitalismo moderno, nem conseguimos estender os direitos civis à esmagadora maioria da população trabalhadora (2006, p.24).

Diante desse panorama, não surpreende que vivamos num clima de violência. Nas últimas décadas, assistimos a profundas mudanças na sociedade, com o desenvolvimento do capitalismo globalizado, do consumismo e do pensamento neoliberal do Estado mínimo – um processo “que inova, mas nem sempre coletiviza o progresso” (FEGHALI, 2006, p.14).

No Rio de Janeiro [...] agravou-se o quadro de violência urbana em escala e complexidade. Ao mesmo tempo, a política de segurança pública mostrou-se ineficaz, determinando uma situação-limite na vida das pessoas e da sociedade. O direito de ir e vir e, principalmente, o direito à vida, estão comprometidos, sobretudo o do cidadão mais pobre. (FEGHALI, 2006, p.13)

Resultado natural do agravamento do quadro de violência urbana e do comprometimento do direito de ir e vir – que trazem consigo a sensação de insegurança e impotência diante da impunidade – é a instalação na sociedade do que Feghali chama de “cultura do medo” e Alba Zaluar (2005) denomina “medo estrutural”.

Conceitos e terminologias à parte, o medo produz demandas autoritárias: Feghali defende que, na ausência de solução por parte do poder público, parcela significativa da sociedade clama por medidas repressivas como a pena de morte e a redução da maioridade penal, assim ressoando um discurso conservador muito encontrado nas esferas republicanas e de extrema direita de países tidos como desenvolvidos e de outros nem tanto.

É a partir desse cenário que se multiplicam, na mídia e na sociedade, os discursos conservadores, sempre em tom moralista e às vezes messiânico. Afinal, como bem explica Michel Misse:

Quem tem o poder de definir algo como violento mobiliza, no mesmo ato, no próprio movimento da definição, a demanda prática de uma contraviolência. O que distinguirá a violência da contraviolência será o poder de definição, um poder vitorioso. Violência será tudo aquilo que não é legítimo, segundo esse mesmo poder vitorioso. [...] Antes de tudo, violento é o outro. E quanto mais distante de mim for o outro, mais fácil fica acusá-lo. (MISSE, 2006, p. 20)

O discurso da mídia, que na nossa sociedade tem esse poder de classificar e definir, se enquadra perfeitamente na descrição de Misse. Afinal, como define Bethania Mariani, a imprensa realiza uma espécie de “catalogação do real, deixando o real palatável e simbolicamente disciplinado”. (MARIANI, 2007, p. 207) Ao comentar o uso pelos jornais das palavras “jovem” (para moradores de classe média, “criminosos ocasionais”, digamos assim, que cometem delitos, mas que são libertados após elaborar uma defesa) e “menor” (para “infratores, membros de grupos e facções, que atacam [...], ferem, são fugitivos e voltam ao crime), a autora define o papel da imprensa no que chama de “gestão do cotidiano”:

Produz-se uma gestão do cotidiano para o leitor, uma gestão que distribui papéis e distribui destinos sociais apenas pela utilização de ‘jovens’ ou ‘menores’ combinada com outros recursos gramaticais igualmente diferenciados, tais como a seleção de verbos modalizadores ou não, tempo e modos verbais etc, que contribuem para a formação de juízos de valor. (MARIANI, 2007, p. 205)

Mariani ressalta ainda que o uso da palavra “jovens” em oposição a “menores” é um gesto de interpretação que não necessariamente expressa uma intenção manifesta do jornalista ou do jornal:

Os gestos de interpretação resultam da inscrição do sujeito-jornalista em determinadas posições discursivas identificadas a formações discursivas específicas, e estas determinam o que pode e deve ser dito

numa dada conjuntura histórica. A ideologia funciona aí, na produção de um efeito de obviedade resultante do encontro entre língua e história, de um encontro que cristaliza determinados sentidos em detrimento de outros. [...] Depreende-se na dicotomia [“jovens” x “menores”] um gesto de interpretação que ao mesmo tempo parte de um prejulgamento social e impõe uma divisão dos sentidos aos leitores. Leitores esses que, possivelmente, compartilham o mesmo gesto de interpretação jornalístico sobre o social. (MARIANI, 2007, p. 206-214)

Da mesma forma, como exemplifica Sodré, os jornais usam a palavra “força”, em vez da palavra “violência”, quando se trata de atos de coerção socialmente legitimados, ou seja, quando o Estado, representado pela polícia ou pelo Exército, é quem pratica esses atos. Traficantes empregam a *violência*, mas a polícia utiliza a *força*. “Só as razões que contrariam a legitimidade do poder dirigente são conotadas negativamente”, observa Sodré (2006, p. 35).

E quando o assunto é a diferença no tratamento que a mídia dá ao emprego da violência (ou da força!) pelos criminosos e pela polícia, é difícil imaginar um exemplo mais adequado que o nosso objeto de estudo neste trabalho: o apresentador e deputado estadual Wagner Montes, que comanda a versão fluminense do programa de TV *Balanço Geral*, da Rede Record – ele próprio um produto evidente do quadro de violência e medo.

Com jeito de homem do povo e bordões impactantes, Wagner Montes – que já é conhecido do público desde a década de 70, quando começou a carreira como repórter da rádio Tupi – sustenta a audiência da Record no Rio de Janeiro de segunda a sexta, entre o meio-dia e as 14h30, com seu “jornalismo sem meias palavras”, conforme o slogan do programa. O *Balanço Geral* é um dos programas ao vivo de maior duração na TV brasileira. Durante as mesmas duas horas e meia em que vai ao ar pela Record, a TV Globo, por exemplo, dá espaço a quatro atrações diferentes: *RJTV*, *Globo Esporte*, *Jornal Hoje* e *Vídeo Show*.

No *Balanço Geral*, as matérias sobre criminalidade e violência são maioria, e Wagner Montes assume os papéis de apresentador e comentarista: antes da exibição da matéria, ele claramente lê no TelePrompTer um texto formal, feito pela produção, que

resume o conteúdo da reportagem e apresenta o repórter. Depois que o vídeo vai ao ar, é hora dos comentários espontâneos do apresentador. Aí, ele comemora prisões – revelados, nas palavras de Montes, “bandidos” –, parabeniza policiais por suas operações em favelas (o apresentador conhece delegados, comandantes e capitães da Polícia Militar, e costuma mostrar isso citando-os nominalmente em seus comentários), dá conselhos ao governador sobre o que fazer a respeito da “vagabundagem” (um dos muitos apelidos que usa para os supostos criminosos), defende o uso do caveirão (o carro blindado adaptado para ser um veículo militar que o BOPE utiliza para intervenções em favelas) etc.

Comentando uma reportagem sobre a morte de uma menina, vítima de bala perdida após tiroteio entre policiais e traficantes no morro dos Macacos, em Vila Isabel, Wagner Montes se exalta ao defender o uso do caveirão:

O policial fica encurralado no morro. O único jeito de resgatá-lo é com o caveirão. Quem disser que consegue de outro jeito está mentindo. Tem policial que fala demais no microfone do caveirão? Tem, eu concordo. O caveirão é pra proteger os policiais e as comunidades, mas não é pra assustar *peessoas de bem*. Tem é que caçar vagabundagem com o caveirão! 99% dos que moram em comunidades carentes são pessoas que trabalham, que lutam, pessoas de bem. Agora, com os vagabundos, tem que arregaçar eles ao meio (*sic*). [...] Precisamos repensar os modelos de incursões pra evitar ao máximo que uma bala perdida mate uma pessoa de bem. É lógico que vivemos uma guerra civil metropolitana. E na guerra, infelizmente, morrem inocentes, adultos e crianças.²

No comentário transcrito acima, fica evidente que Wagner Montes assume o ponto de vista do policial e fala como se fizesse mesmo parte da corporação, tentando justificar o uso do veículo que é símbolo da truculência, de ações repressoras da polícia: a garantia da proteção e da sobrevivência dos policiais é o grande (e único) argumento da instituição em defesa do caveirão.

O blindado pode ter, sim, a função de proteger os policiais das reações de traficantes dentro das favelas, mas é muito claro que uma de suas funções também é assustar e intimidar a comunidade: enorme, imponente, todo pintado de preto, com o desenho da caveira que é símbolo do BOPE (que, segundo site do BOPE, “simboliza o

² Transcrição do vídeo *Balanço Geral- tráfico no morro dos macacos impede investigação*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=eiyRIP8oSMs&feature=related>. Acessado em 29 de março de 2012.

combate armado, a guerra e a morte”), o carro é equipado com um microfone que costuma ser usado para espalhar mensagens de terror durante a passagem dos policiais pelas comunidades. O maior exemplo é a frase “Sai da frente, vim buscar sua alma”, bordão mais usado pelos policiais, que já virou folclore.

Com capacidade para até 12 policiais carregando armamento pesado, o caveirão tem uma torre de tiro capaz de girar em 360 graus, e fileiras de posições de tiro em cada lado do caminhão. É construído para resistir às armas de alta potência e aos explosivos: tem duas camadas de blindagem e uma grade de aço para proteger as janelas. Conhecido como “o tanque de guerra do BOPE”, o caveirão que Wagner Montes defende é mais um símbolo do terror, da truculência e da limitação dos direitos de quem vive na favela, como aponta o relatório da Anistia Internacional intitulado *‘Vim buscar sua alma’: o caveirão e o policiamento no Rio de Janeiro*:

A Anistia Internacional está seriamente preocupada com a forma como o caveirão é usado. A organização recebeu relatos de caveirões que entraram em favelas atirando a esmo, fazendo com que os moradores corressem para escapar com vida. De acordo com Edilson Santos, diretor do centro de artes Lona Cultural no Complexo da Maré, a partir das 10 horas, os caveirões rotineiramente entram atirando na favela. Alto-falantes montados na parte externa do veículo anunciam repetidamente a chegada do caveirão. As expressões usadas variam desde a frase educada: “Senhores moradores, estamos aqui para defender a comunidade. Por favor, não saiam. É perigoso”; a alarmista: “Crianças, saiam da rua, vai haver tiroteio”; até a intimidação descarada: “Se você deve, eu vou pegar a sua alma”. Quando o caveirão se aproxima de alguém na rua, a polícia grita pelo megafone: “Ei, você aí! Você é suspeito. Ande bem devagar, levante a blusa, vire... agora pode ir...”. A Anistia Internacional também recebeu relatos de que a polícia xinga e insulta os moradores, especialmente as mulheres. [...] De acordo com as ONGs locais, desde a introdução do caveirão, as crianças começaram a sofrer com problemas emocionais e psicológicos. O medo inocente do “bicho papão” foi substituído pelo medo do caveirão – um comentário triste sobre o policiamento no Rio de Janeiro.³

Além da defesa do caveirão, chama atenção a divisão que o apresentador faz ao catalogar os habitantes da favela como “pessoas de bem” e “vagabundagem”. Num mesmo comentário, Wagner Montes tenta fazer as vezes de estrategista policial, antropólogo e até de estatístico (que fornece o percentual exato de “pessoas de bem”

³ Disponível em http://www.dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_ai_caveirao.pdf

que vivem em comunidades carentes, como se fosse mesmo possível separar as pessoas entre as “do bem” e as “do mal”).

Montes ainda ameniza o tom quando fala em repensar os modelos de incursão policial, mas volta a reproduzir o discurso da polícia quando diz que vivemos uma “guerra civil metropolitana” em que adultos e crianças inocentes podem morrer. A frase remete imediatamente a uma fala do coronel Venâncio Moura, ex-comandante do Bope, extraída do mesmo relatório da Anistia Internacional sobre o caveirão: “Agiremos como na guerra convencional, onde o tanque vai na frente e a infantaria cerca o inimigo pelos lados”.

Além da predominância de pautas sobre crime, os comentários de Wagner Montes – de tom debochado e totalmente informal – são o principal diferencial entre o jornalismo do *Balanço Geral* e o do *RJTV*, que a Globo exibe no mesmo horário. É em momentos assim, de conversa com o espectador, que ele se revela um defensor escancarado e incondicional do uso da força policial.

Talvez esteja nesse “escancaramento” a verdadeira diferença entre os dois telejornais, visto que a presença de Rodrigo Pimentel – capitão reformado da Polícia Militar e inspirador do personagem Capitão Nascimento nos filmes da série *Tropa de Elite* – como comentarista do *RJTV* também pode sinalizar uma tendência da TV Globo a essa mesma direção, mas muito mais discretamente, muitos tons abaixo. Ambos os programas parecem se inscrever numa mesma ideologia, no entanto, Wagner Montes faz um uso de língua (dialeto e retoricamente) totalmente diferente da usada no *RJTV*. Esse “escancaramento” não é apenas um traço minoritário do jornalismo contemporâneo, não atentando aos manuais de redação, mas uma inscrição num funcionamento discursivo diferente que, ainda assim, produz sentidos assemelhados aos do *RJTV*.

No programa de Wagner Montes, o incentivo ao “Estado polialesco”, que sustenta o anseio popular por medidas repressivas, é temperado com indignação, deboche e bordões inflamados. Um tribunal se estabelece entre o estúdio do programa e a casa do telespectador: ao final de certas matérias, o apresentador está pronto para assumir o papel de promotor perante o júri popular que a ele assiste.

É cada vez mais comum, aliás, que a imprensa assuma esse lugar de tribunal. Mesmo quando as manchetes de jornal tomam o cuidado de usar as palavras “suposto”,

“suspeito” e “acusado” antes que as tribunais legais deem o veredito sobre determinado caso, o tom e a escolha dos depoimentos ouvidos numa reportagem muitas vezes insinuam e sugerem uma culpa do “réu”. Mas o *Balanço Geral* vai além da insinuação.

Como suporte para a acusação, os clichês e estereótipos arraigados no senso comum. Quanto à defesa: no programa de Wagner Montes, os réus não têm direito a isso. Na tela, dois homens negros, na faixa dos vinte anos de idade, algemados, mantêm no rosto uma expressão desafiadora diante da câmera de TV. São dois “bandidos”, classifica o entusiasmado apresentador, que, surpreendidos enquanto roubavam um carro, tentaram fugir e trocaram tiros com a polícia. Se o apresentador em questão fosse Márcio Gomes, Ana Paula Araújo, Leilane Neubarth ou qualquer outro âncora do jornalismo da TV Globo, o assunto não mereceria mais que três minutos e seria tratado com a pretensa “neutralidade” (entre muitas aspas) de costume, ainda que provocasse efeitos de sentido parafrásticos em relação aos circulantes no programa *Balanço Geral*. Mas é meio-dia e a TV está ligada na rede Record. Estamos falando de Wagner Montes.

No *Balanço Geral*, um assunto como esse rende, recebe tratamento de pauta nobre, protagonista do espetáculo dramático que Wagner Montes constrói: depois de narrar por diversas vezes o ocorrido e de criticar veementemente os acusados, Montes pede que a imagem dos dois homens se congele na tela e lança o bordão que o povo aprendeu a repetir: “ESCRAAAAAAACHA!” Pronto: os dois homens foram julgados e condenados, ou melhor, “escrachados”.

Wagner Montes segue na contramão do pensamento do antropólogo Gilberto Velho (2004), que, ciente de que a repressão policial e a ação rotineira da Justiça têm sido impotentes diante do agravamento do quadro de violência urbana, defende que a “recuperação e reinvenção de formas de convívio social terão que passar, necessariamente, por um fortalecimento da vida política no sentido original de *polis*, em que os cidadãos possam se tornar, de fato, cidadãos” (VELHO, 2004, p. 8). Para Velho, é fundamental que se pense em modos de participação política a partir de pequenos grupos, para que assim seja possível reconstruir e aprofundar a democracia “em busca de maior justiça social e maior civilidade cotidiana” (VELHO, 2004, p. 8). Mas, a julgar pelo discurso de Wagner Montes, a valorização e o fortalecimento da polícia (ou da “poliçada”, como ele gosta de dizer, na intimidade) é que constituem a grande solução para o problema da violência do Rio de Janeiro.

Pouco (ou nada) se fala em relação à distribuição de renda, à igualdade social ou aos direitos humanos no *Balanço Geral*. Existe um silenciamento temático: certos assuntos são pauta, outros não. Wagner Montes gosta é de escrachar. “Bandido” deve ser tratado como bandido. É traficante de drogas? “Larga o aço!” Assaltou uma casa e fez os moradores de reféns? “Senta o dedo!” Os “vagabundos” são, na opinião de Montes, o grande mal a ser combatido no Rio. E é por isso que pede à polícia, sempre que pode: “Pra cima deles!”

A fala de Wagner Montes e o conteúdo das matérias do *Balanço Geral* atendem a dois sintomas do mal-estar comunitário diante da violência. Em primeiro lugar, há uma forte identificação entre a supracitada demanda de um Estado Penal apontada pela deputada Jandira Feghali – que impõe medidas repressivas e autoritárias, originária do medo estrutural que a sociedade vive – e a defesa entusiasmada da força policial que o também deputado Wagner Montes faz. É um discurso de fácil aceitação e que encontra muitos ecos pelas ruas.

A associação fica evidente neste trecho, extraído do texto “Vagabundos matam PM na porta de hospital na Zona Norte”, publicado no blog de Wagner Montes no portal R7.com, da Record:

O efetivo da PM é pequeno diante da vagabundagem, irmão! Lógico que nós já tivemos avanços, mas **temos que reforçar a segurança pública no estado**. Policial sofre pra caramba, porque tem a obrigação de reagir para não morrer. Se vagabundo descobrir que o cara é da polícia, mata na hora! [...] **Bandido como este merece cadeia! Nós precisamos de penas mais agressivas, rigorosas.**⁴

As frases em negrito foram ditas por Wagner Montes, mas não são exatamente originais: são ecos do senso comum, frases que ouvimos diariamente numa conversa de vizinhos no corredor do prédio, na reclamação do cobrador de ônibus com o motorista, num almoço entre colegas de trabalho, enfim, na fala do povo nas ruas.

Pedidos pelo reforço da segurança pública, como Montes faz no texto, são cada vez mais comuns, assim como defesas inflamadas de que “bandidos” devem ir para a cadeia e que as penas devem ser mais agressivas. Se for verdade que estamos nos

⁴ Disponível em <http://noticias.r7.com/blogs/wagner-montes/2012/03/28/vagabundos-matam-pm-na-porta-de-hospital-da-zona-norte/>. Acessado em 10 de abril de 2012.

tornando autoritários e agressivos, o apresentador do *Balanço Geral* sabe ressoar e se apropriar desse discurso, do senso comum.

Em outro texto do mesmo blog, sobre um assalto a uma padaria na cidade de Rio Bonito, Montes dá sua opinião, como sempre abusando da “malandragem” no vocabulário:

Dois “vagabas” invadiram uma padaria e tocaram o terror! Os caras vão até o caixa, sacam uma arma e anunciam a parada. Os malandros recolhem o dinheiro do comércio, roubam clientes e ralam a pé. Nego ainda sente pena dos bandidos. Eles merecem é cana e vala!⁵

Em segundo lugar, a escolha das pautas do programa, ao privilegiar as matérias sobre crimes, alimenta o segundo sintoma desse mal-estar comunitário, algo que Sodré chama de “fascínio pela narrativa de violência real” (2006, p. 34). Casos como o do assassinato do chefe do tráfico no morro do Juramento, os jovens agredidos ao defender um mendigo que dormia na rua, o tiroteio no Jacarezinho, a criança baleada durante confronto na zona norte e a mãe que jogou água fervendo no filho para se vingar do marido dão conta desse anseio popular por narrativas de violência, de todas as maneiras.

Saciada essa primeira vontade, é hora de aliviar outra tensão: ao final de cada matéria, a lição de moral do apresentador costuma vir acompanhada de um deboche que normalmente desperta o riso do espectador – “ainda que seja um riso nervoso, inquieto e temeroso” (SODRÉ e PAIVA, 2002, p.62) que caracteriza o fenômeno estético que Sodré e Paiva definem como “grotesco”.

⁵ Disponível em <http://noticias.r7.com/blogs/wagner-montes/2012/03/29/imagens-mostram-assalto-a-padaria-em-rio-bonito/>. Acessado em 10 de abril de 2012.

3. A produção discursiva do “filho do dono”: condições de produção de Wagner Montes

“Não sou dono do mundo, mas, com toda a certeza, sou filho do dono!”, brada o apresentador de terno e gravata. A câmera fecha no rosto dele e lentamente percorre seu braço, que está totalmente erguido, até chegar ao dedo indicador apontado para cima (na direção de onde, supõe-se, está o próprio dono do mundo). A imagem da mão permanece na tela por alguns instantes. É com esse “ritual” que Wagner Montes encerra seu programa de TV todos os dias, de segunda a sexta.

A frase é famosa: circula pelas ruas do Rio em adesivos colados em vans que fazem “lotada” pela cidade. Mas qualquer olhar um pouco mais atento é capaz de perceber que a escolha de Wagner Montes pelo ditado preferido dos motoristas de transporte “alternativo” não é acidental, e que as semelhanças entre o apresentador/deputado e as pessoas da classe social a que pertencem os tais motoristas vão muito além de uma frase pretensamente imponente.

Wagner Montes é uma tentativa de retrato do carioca que se conhece das ruas, dos ônibus, das calçadas. Tem jeito de malandro, fala grosso e anda gingando. Suas origens populares lhe deram recursos para interpretar o personagem com que se apresenta de segunda a sexta, no *Balanço Geral*: o apresentador é íntimo da linguagem popular e sabe se apropriar disso para dar legitimidade a seu discurso.

Neste capítulo, pretendemos expor as origens e as diversas facetas que Wagner Montes assumiu ao longo dos anos – de ajudante de garçom a galã de telenovela, de repórter policial a cantor romântico –, antes e durante sua vida de homem público, já que todas elas ajudaram a construir e ajudarão a compreender o fenômeno que hoje analisamos: são afinal, as condições de produção das diversas posições-sujeito ocupadas por Wagner Montes.

3.1. Wagner, menino de Caxias: a vida antes da TV

Em seu site oficial, Wagner diz que “adquiriu na infância pobre os alicerces para a construção de uma carreira sólida”.⁶ Quanto a isso não há dúvidas: é o seu jeito de

⁶ Disponível em <http://www.wagnermontes.com.br/site/index.php>. Acessado em 12 de março de 2012.

“homem das ruas”, possivelmente herdado de sua origem pobre, que o diferencia dos outros apresentadores de telejornal – e que fazem de Wagner Montes um sucesso na TV e na vida política.

Antes de se transformar em Wagner Montes – nome artístico que ele adotou e registrou em cartório –, o menino nascido Zenóbio da Costa da Silva (CABRERA: 2007, p. 118) em 18 de julho de 1954, no município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, trabalhou duro. Filho de pai comerciário e mãe dona de casa, aos oito anos de idade já recolhia revistas e jornais lidos, que as pessoas na época tinham o hábito de deixar ao lado de suas lixeiras, para revender pela metade do preço em armazéns. Aos doze, foi morar no Rio de Janeiro, num apartamento conjugado em Copacabana, com os pais, dois avós e o irmão. Desde criança tinha o sonho de ser policial.

Foi açougueiro no açougue Rainha do Sul (“na rua Carvalho de Mendonça, 24”, ele recorda, virando os olhos para cima para vasculhar as lembranças, em entrevista ao site Yahoo!)⁷ e, mais tarde, conquistou a simpatia do dono da boate Zoom, freguês do açougue, e conseguiu lá um emprego de cumim, auxiliar de garçom (“em Copacabana, rua Rodolfo Dantas, 102”, diz, orgulhoso da própria memória, também na entrevista).

Na mesma boate, foi promovido a garçom, mas também cobria as folgas do manobrista e, por fim, até do DJ. Além disso, foi vendedor de camisas sociais Caravelli, cuja fábrica ficava em Nova Iguaçu. “Eu dou os endereços dos lugares em que trabalhei para que as pessoas possam confirmar, porque qualquer um poderia dizer que um dia foi pobre”, diz, provando que as dificuldades financeiras do passado são de fato um trunfo importante hoje.

Com duas malas cheias de camisas, ia de ônibus até a praça Mauá e dali rumava para o centro de comércio popular Saara, no centro do Rio, onde passava de loja em loja oferecendo as camisas. Em entrevista ao jornal *Extra*, Wagner conta que houve uma ocasião em que o dono de uma dessas lojas disse a seu pai que o garoto, muito comunicativo, seria artista no futuro. A aposta não foi bem-recebida: “Naquela época meu pai achava que todo homem que queria ser artista era *boiola*. Nada contra os

⁷ Disponível em <http://br.omg.yahoo.com/blogs/pronto-falei/n%C3%A3o-consigo-manter-meu-status-com-sal%C3%A1rio-deputado-131924309.html>. Acessado em 15 de abril de 2012.

boiolas, cada um curte a sua”,⁸ diz, reproduzindo mais uma vez uma fala popular que circula em muitos discursos.

3.2. O comunicador: trajetória no rádio e na televisão

A simpatia e a personalidade forte que cativaram o dono da boate Zoom ainda renderiam a Wagner muito mais que um emprego de ajudante de garçom. Em 1974, quando voltava da faculdade – de Direito, na Universidade Gama Filho, onde estudou e se formou graças a uma bolsa de estudos arranjada pelo amigo Paulo César Gama Filho, que ele chama pelo apelido “Deda”, hoje reitor da instituição –, viu um homem bêbado batendo numa senhora. “Achei uma covardia. Na época fazia judô, treinava bem, então descí do ônibus e *meti a porrada* no cara”⁹, conta ele, que aí já dava indícios de sua vocação para “chicote do povo”, como mais tarde foi apelidado, graças ao perfil de defensor dos oprimidos (exceto dos oprimidos que ingressam no crime, mas isso já é assunto para outro capítulo).

A polícia foi ao local e o repórter policial de maior sucesso na época, Paulo Ricardo, que registrava o caso, simpatizou com a atitude de Wagner, ficou seu amigo – *comprou o barulho*, nas palavras dele – e o levou para fazer testes na Super Rádio Tupi. Aprovado nos testes, Wagner Montes tornou-se repórter policial na rádio, onde permaneceu até 1979, quando chegou à TV para apresentar o programa *Aqui e Agora*, da TV Tupi.

Nesse meio-tempo, fez quarenta fotonovelas para as revistas *Amiga* e *Sétimo Céu*, ambas da editora Bloch. Nessa fase, era tido como galã e foi muito namorador: “*Peguei* muitas mulheres. Usei tanto, que está gasto”, debocha. Namorou muitas mulheres famosas, como as misses Marisa Sommer e Catia Pedrosa (com quem foi casado e teve um filho) e a atriz Miriam Pérsia, para citar algumas. Além de radialista, apresentador de TV e galã de fotonovelas, Wagner também mostrou nessa época duas facetas suas hoje pouco conhecidas, mas igualmente interessantes: cantor e ator de cinema.

⁸ Disponível em <http://extra.globo.com/noticias/rio/wagner-montes-abre-verbo-sobre-religiao-mulheres-polemicas-44409.html>. Acessado em 15 de abril de 2012.

⁹ Disponível em Disponível em <http://br.omg.yahoo.com/blogs/pronto-falei/n%C3%A3o-consigo-manter-meu-status-com-sal%C3%A1rio-deputado-131924309.html>. Acessado em 15 de abril de 2012.

Como cantor, lançou alguns discos solo: o primeiro, em 1982, intitulado *Ao meu pai, me use e me abuse*, que traz na capa¹⁰ uma foto do cantor de camisa aberta exibindo o peitoral não depilado, com dois grossos cordões dourados e de pingentes grandes pendurados no pescoço. Mais tarde, lançaria *Renascença*, em 1984, e *Fios de ouro*, em 1987, repetindo em ambos a dobradinha peitoral desnudo/corrente dourada que acentuava o estilo romântico/cafajeste de suas músicas – como a pérola “Tema para uma comissária”, do disco *Renascença*, que retrata o amor por uma aeromoça e diz: “Decola o avião, e você pronta pra servir [...] no pernoite uma saudade fere como um açoite, que machuca e maltrata no seu quarto toda noite”.

No cinema, fez em 1979 o filme *A Pantera Nua*, do diretor Luiz de Miranda Corrêa, e no ano seguinte protagonizou o dramático *A Morte Transparente*, do cineasta argentino Carlos Hugo Christensen, com Bibi Vogel no elenco. Depois dessa breve carreira cinematográfica, Wagner foi contratado por Silvio Santos em 1980 para apresentar *O Povo na TV* (ao lado de Wilton Franco, Roberto Jefferson, Christina Rocha, Mara Maravilha e Sérgio Mallandro) na TVS, que um ano depois passaria a se chamar Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

Auto-intitulado “a procuradoria geral do povo”, o programa exibia conflitos familiares e afetivos e dava espaço às reivindicações da população. Também faziam sucesso os quadros de defesa do consumidor, que colocavam fornecedores de serviços e produtos frente a frente com consumidores que se queixavam de mau atendimento. Era comum que as discussões se transformassem em brigas, com direito a agressões físicas. Mas tudo acabava bem: às 18h uma reza da Ave-Maria comandada por Wilton Franco, apresentador principal da atração, encerrava o programa na mais absoluta harmonia.

Uma crítica publicada no jornal O Estado de S. Paulo em 1983 revela muitas semelhanças entre o Wagner Montes daquela época e o que comanda o *Balanço Geral* hoje, quase trinta anos depois:

Wagner Montes, o “chicote do povo”, é o responsável pela apresentação dos casos relacionados com a “justiça”. Pessoas simples levam ao programa os mais variados dramas, envolvendo brigas familiares, roubos, violências cometidas por vizinhos, desconhecidos e pela polícia. **Assumindo o papel de juiz das causas, Wagner Montes chega ao ponto de sugerir a morte para aqueles que julga criminosos irre recuperáveis**, e de convocar a Rota para **agir mais rigorosamente no combate aos crimes**. São também constantes as

¹⁰ Imagem da capa disponível no Anexo III deste trabalho.

manifestações silenciosas em apoio ao esquadrão da morte, quando, por exemplo, o seu símbolo é localizado pelas câmeras. Ao som de um rugido de metralhadoras, o apresentador **apropria-se de valores caros às classes populares** como a honestidade, a solidariedade, a justiça, para transformá-los em artifícios emocionais e distorcê-los com argumentos em favor de punições drásticas para os "criminosos". **Em nenhum momento, o programa contempla as razões mais profundas da violência.**¹¹

A primeira imagem veiculada pelo SBT foi a do repórter Wagner Montes fazendo a cobertura da assinatura da concessão à emissora, em Brasília. No canal de Silvio Santos, onde trabalhou por 17 anos, Wagner ficou nacionalmente famoso. Depois de *O Povo na TV*, participou de vários outros programas da emissora, como *Jornal Policial*, *Clube dos Artistas*, *Musicamp*, *Musidisc* e *Show de Calouros* – neste último, foi jurado e também apresentador, durante os três anos em que Silvio esteve afastado do programa.

Por vontade própria, o apresentador trocou o SBT pela CNT em 1997. Lá, comandou o programa *190 Urgente*, que já tinha pautas e uso de língua bem parecidos com os do atual *Balanço Geral*, mas um pouco mais carregado nas tintas; afinal, era o final da década de 1990, tempo em que o *Programa do Ratinho* e o jornalismo popularesco estavam no auge.

Wagner Montes apresentava o *190 Urgente* sentado numa bancada, tecendo comentários sobre reportagens policiais. Uma delas, sobre o menor de 16 anos que atirou e matou um senhor na saída de um banco, mereceu os seguintes comentários – dito aos berros, muito mais exaltado que na versão debochada e “light” de hoje:

Votar eles podem, né? Fazer filho também! Casar, é só pegar testemunha e casa também. Agora, pagar pelo crime, não. No máximo, pode ficar três anos na instituição Padre Severino. E o outro está morto lá e a família sentindo falta. Senhores deputados federais, pelo amor de Deus, já está na hora de botar esses caras de 16 anos, que vocês permitiram que votem, para pagar pelos crimes que cometem! Criança é o cacete! Mata, assalta, estupra, não é mais criança!¹²

Ainda na CNT, apresentou os programas *Na Boca do Povo*, *Em Cima do Fato*, *Programa Wagner Montes* e *Novos Talentos*, uma espécie de *Show de Calouros* da

¹¹ [negritos nossos] Disponível em <http://tvbau.blogspot.com.br/2012/02/1983-o-povo-na-tv.html>. Acesso em 16 de abril de 2012.

¹² Transcrição do vídeo *Wagner Montes estressado no 190 Urgente*. Disponível em: <http://bit.ly/JvyqIW>. Acessado em 18 de abril de 2012.

emissora. Wagner entrou na Record em 2003, mas se manteve paralelamente na CNT, de onde só saiu em 2006, para ser candidato a deputado estadual no Rio de Janeiro, pelo PDT. Em seu retorno à TV, era inviável continuar nas duas emissoras. Escolheu a Record.

Na Record, apresentou o programa *Verdade do Povo*, em rede nacional, até assumir, na mesma emissora, *Cidade Alerta Rio, RJ no Ar* e, finalmente, a versão fluminense do *Balanço Geral*. Era Wagner Montes falando ao povo do Rio de Janeiro novamente. Em fevereiro de 2007, fez sua estreia no jornalismo impresso, inaugurando a coluna semanal “Escraaacha!”, que depois foi rebatizada *Balanço Geral*, no tabloide carioca *Meia Hora de Notícias*. O primeiro nome da coluna fazia referência ao bordão que popularizou na TV e no rádio

Para um apresentador que passou a maior parte de sua carreira comunicando-se com o país inteiro, comandar um programa regional poderia significar um retrocesso. Mas não para Wagner Montes. Sobre isso, ele diz: “Eu sou da seguinte teoria: prefiro ser rei na Tanzânia a ser príncipe na Inglaterra”¹³, compara, numa divertida analogia, embora já tenha revelado em entrevista ao jornal Extra que sonha ter um programa à noite, no horário nobre.

Em alguns momentos – como nas últimas aspas, aliás – Wagner Montes faz lembrar o ex-presidente Lula. Ambos são políticos de sucesso – cada um em sua esfera: Lula teve dois mandatos com grande aprovação popular na presidência da República e Wagner está no segundo mandato como deputado estadual mais votado do Brasil em 2010 e de toda a história do Rio de Janeiro. São também dois exímios comunicadores, que cativam pelo jeito popular, divertido e descontraído de falar e abusam das expressões, comparações e metáforas peculiares – como esta última, que demonstra a preferência de Wagner Montes por comandar um programa de grande alcance e influência em um único estado, em vez de assumir uma atração em rede nacional que talvez tivesse menos espaço e precisasse competir com muitos outros programas.

¹³ Disponível em <http://bit.ly/t8sLz3>. Acessado em 14 de abril de 2012.

3.3. Casamento e família

Wagner Montes é um homem de família. Foi casado com Catia Pedrosa, miss Mundo Brasil 1983, com quem teve um filho, mas o relacionamento durou pouco. No *Show de Calouros* do SBT, conheceu, em 1987, a também jurada Sônia Lima. “Começamos a namorar numa segunda-feira, dia 6 de agosto de 1987”, conta em entrevista¹⁴, provando que não é bom apenas para gravar os endereços de seus antigos empregadores.

Quatro dias depois do início do namoro, Wagner, que já era amigo e confidente de Sônia havia tempo, a pediu em casamento. Ela aceitou e dois meses depois estavam casados – e até hoje estão juntos, como contaram no programa *The Love School*, da Record, em março deste ano. “Certamente, se eu não tivesse me casado com Sônia, estaria ou morto ou largado em algum lugar por aí”¹⁵, valoriza o apresentador. Em entrevista ao portal *Último Segundo*, Sônia brinca: “Sou a terceira amante do Wagner, para dizer a verdade. **Casado ele é com a polícia.** A primeira amante é o Twitter, a segunda, a Annie [a cadela maltês Annie Aparecida], e eu venho depois”¹⁶.

A brincadeira de Sônia Lima sobre a relação do marido com o Twitter tem fundamento: o apresentador mantém um perfil ativíssimo no microblog, com mais de 85 mil seguidores até o momento (ele ganha em média 106 seguidores por dia¹⁷). Wagner Montes publica em média 30 mensagens por dia na rede, frequência consideravelmente alta – apenas como comparação, o jornalista Lauro Jardim, redator-chefe da revista *Veja*, que mantém o perfil mais influente politicamente no Brasil de acordo com o levantamento “G20 Influencers”, ganha 202 seguidores e publica 15 *tweets* diariamente, em média. Em 18º lugar na mesma pesquisa, o governador do Rio, Sergio Cabral, ganha 169 seguidores e mantém uma média de dois *tweets* por dia.¹⁸

Os principais assuntos de Wagner Montes no Twitter são “informes” sobre suas atividades rotineiras – “Chegando em casa. Agora, tomar uma ducha, comer uma salada

¹⁴ Vídeo disponível em <http://videos.r7.com/wagner-montes-e-sonia-lima-contam-como-eles-se-conheceram/idmedia/4f527a0492bb48d3dc07510b.html>. Acessado em 20 de abril de 2012.

¹⁵ *Idem*.

¹⁶ [negritos nossos] Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/eleicoes/quero+ser+governador+declara+o+apresentador+wagner+montes/n1237813131624.html>. Acessado em 20 de abril de 2012.

¹⁷ Fonte: <http://twittercounter.com/compare/depwagnermontes/week/followers>

¹⁸ Levantamento disponível em <http://www.g20influencers.com>

e ver um bom filme. Tenhamos uma noite de muita paz. Abs!”¹⁹ –, conselhos – “Quem for viajar não se esqueça de dar uma verificada no carro, tome cuidado nas estradas e se for dirigir não beba”²⁰ –, opiniões – “Hoje é o Dia do Exército, quero parabenizar todos os profissionais que fazem parte desta corporação tão importante dentro das Forças Armadas do nosso país”²¹ –, links de notícias – “Moradores queimam ônibus após criança ser ferida em operação”²² – e, principalmente, respostas e conversas com seus seguidores. Com um celular BlackBerry com acesso à internet sempre à mão, responde a todas as mensagens que recebe no microblog.²³

Ele mantém ainda um site²⁴ dedicado à sua atuação como deputado e mais dois blogs: o “Escracha Oficial”²⁵ – em que também se apresenta como deputado e reproduz trechos de notícias dos jornais cariocas, encerrando cada *post* com um comentário seu – e o “Blog Wagner Montes”, hospedado no portal R7, da Record, que funciona como uma extensão do *Balanço Geral* na web. Neste blog, é a vez do Wagner Montes em sua versão apresentador falar e comentar as notícias já apresentadas em seu programa de televisão.

Além disso, faz sucesso na rede social Facebook a *fanpage Tropa do Wagner Montes*²⁶, com mais de 15 mil fãs, administrada por uma equipe que realiza sorteios semanais e leva os premiados para assistir ao *Balanço Geral* no estúdio da Record. A equipe que atualiza a fanpage, que costuma tratar Wagner Montes por “nosso comandante”, publica fotos de bastidores do programa, da carreira e da vida pessoal do apresentador (como a do casamento dele com Sônia Lima²⁷, que foi “curtida” por 81 pessoas), além de divulgar *posts* do blog de Montes. Num vídeo gravado

¹⁹ Publicado às 21h14 do dia 18/04/2012.

²⁰ Tweet às 18h20 do dia 20/04/2012. Disponível em:

²¹ Às 16h do dia 19/04/2012.

²² <http://bit.ly/Icx4ZA>. Publicado às 16h15 do dia 19/04/2012.

²³ Exemplos de trocas de mensagens com fãs e eleitores no Twitter em 19/04:

- Pergunta: “Bom dia, o senhor está sabendo da mudança na escala dos policiais militares? Pode nos ajudar?”

- Resposta: “Já fizemos o registro na Alerj, mas agora vamos bater forte no programa. Abs!”. [*sic*]

- Pergunta: “Wagner, pq vc [*sic*] não se candidata a presidente da república? Voto.”

- Resposta: “Quem sabe um dia! Essas coisas estão nas mãos de Deus. Enquanto ele achar que não está na hora, vou aprendendo mais. Bjs”

²⁴ <http://www.wagnermontes.com.br>

²⁵ <http://escracha-oficial.blogspot.com.br/>

²⁶ <http://www.facebook.com/tropaWM>

²⁷ Disponível em

<http://www.facebook.com/photo.php?fbid=304464939583677&set=a.258885544141617.78640.241724662524372&type=1&theater>

exclusivamente para o Facebook, Wagner Montes se engaja ao convidar: “Esta é uma Tropa do bem contra o mal. [...] Já somos 15 mil, mas quero chegar aos 50 mil. Temos que provar que juntos somos fortes. Entre nessa Tropa do Wagner Montes!”.

Já no YouTube, o deputado mantém um canal – uma página em que publica seus vídeos – que atualmente tem mais de 50 vídeos e já soma 10 mil exibições. Entre os vídeos há discursos do deputado na Alerj, participações em outros programas de TV, trechos de seus comentários no *Balanço Geral* e, mais recentemente, “recados” gravados especialmente para o canal. Estes últimos merecem atenção: são vídeos em que Wagner Montes aparece em sua mesa na Alerj e dá conselhos à audiência sobre assuntos como drogas – “Se você quer se livrar dessa doença me procure, vamos arrumar uma internação pra você. Essa é uma estrada com uma bifurcação: cadeia ou cemitério. Se fosse bom não tinha o nome de droga”, diz – e cuidados nas estradas.

Casado há quase 25 anos com Sônia Lima, Wagner tem dois filhos. O primogênito, Wagner Montes Filho, é fruto do casamento com Catia Pedrosa. Estudante de Direito, ele acaba de deixar o cargo de sub-secretário de Atendimento ao Trabalhador, na Secretaria de Estado de Trabalho e Renda, para se candidatar a vereador no Rio de Janeiro pelo PRB. Entrou na política a convite do senador Marcelo Crivella²⁸. “Não queria que o Wagner entrasse na política. Mas vou apoiá-lo. Agindo dentro da lei, meus filhos contam com meu apoio para serem o que quiserem”, conta Wagner, na mesma entrevista, ao lado da mulher.

Já o mais novo, Diego, é filho de Wagner com Sônia Lima e afilhado de Silvio Santos. Aos 21 anos, Diego é ator: já fez parte do elenco de “Amor e Revolução”, do SBT, e atualmente interpreta o playboy Murilo na novelinha adolescente “Rebelde”, agora na Record.

3.4. Religião: fé em Deus contra o “capiroto”

Além da frase de cunho claramente religioso com que encerra O *Balanço Geral* todos os dias (“Não sou dono do mundo, mas sou filho do dono”), Wagner Montes costuma fazer outras referências à fé em seu programa de TV – que, não nos esqueçamos, vai ao ar pela Record, propriedade do bispo Edir Macedo, da Igreja

²⁸ “Wagner [o filho] está na política há muito tempo, fez minha campanha e se dá muito bem com o Crivella”, conta Wagner, o pai, em entrevista. Disponível em <http://bit.ly/tHmSIO>

Universal do Reino de Deus. O programa de Montes, aliás, costuma ser interrompido para a exibição do “Momento de Reflexão”, comandado pelo bispo Darlan Ávila, que faz orações e dá conselhos espirituais ao vivo, ocupando cerca de cinco minutos do horário do *Balanço Geral*.

A mais famosa dessas referências de Wagner Montes à fé é a debochada “Dança do Capiroto”, que ele já repetiu algumas vezes ao vivo. A brincadeira consiste em rodopiar batendo os pés no chão e cantarolando uma música, como quem pisoteia um demônio que está abaixo de seus pés. “Você tem que colocar o capiroto debaixo dos seus pés. Você tem que acordar e declarar vitória na sua vida”²⁹, diz, com discurso muito semelhante ao dos pastores da Igreja Universal, num dos vídeos da dança, que somam mais de 300 mil visualizações no YouTube.

Apesar do flerte evidente com a igreja evangélica, Wagner Montes não assume claramente qual é sua religião nas diversas entrevistas que concede. Numa extensa discussão na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) sobre um projeto de lei que declarava o dia de Oxum patrimônio imaterial do estado, o deputado se manteve calado durante todo o debate e ao final pediu a palavra para dizer a frase que costuma usar como resposta quando é questionado sobre sua religião: “Mais uma vez fica provado que o que atrapalha a fé é a religião”³⁰.

Wagner, aliás, se diz um homem de fé: “Acho que Deus é o ser maior, Deus é o caminho, a verdade, a vida. Deus é tudo. Se você tem fé em Deus, você descansa em Deus. Quando as portas se fecham, Deus aparece”³¹, declarou em entrevista ao Extra.

3.5. O acidente de triciclo, a perda da perna e a “volta por cima”

Em 5 de novembro de 1981, Wagner estava no Rio de Janeiro para cobrir um julgamento do famoso “Caso Doca Street” – crime passionai cometido por Raul

²⁹ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=xsWrULoPZ0c>. Acessado em 2 de maio de 2012.

³⁰ Disponível em:

<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/taqalerj.nsf/3620b663fe7fd44f832565370043e8be/cc1c369fc23c9b858325761600755f57?OpenDocument>

³¹ <http://extra.globo.com/noticias/extra-extra/eleicoes-2010-wagner-montes-diz-que-ja-foi-receptivo-as-milicias-362683.html>. Acessado em 2 de maio de 2012.

Fernando do Amaral Street, que matou a namorada, Ângela Diniz – e sofreu um acidente que mudaria sua vida.

Ele andava de triciclo por Ipanema quando deslizou na pista, entre as ruas Maria Quitéria e Barão da Torre, e precisou “escolher” entre bater com o rosto num poste grande ou esmagar a perna direita num “frade”, um daqueles pequenos postes de cimento que ficam nas calçadas. Perdeu metade da perna, que precisou ser amputada e substituída por uma mecânica. “Ou eu me matava ou dava a volta por cima. Fiquei com a segunda opção”³², contou em entrevista.

O amigo Silvio Santos trouxe da Alemanha o especialista Hanz Weiser, que fez uma perna mecânica provisória para Wagner. Três meses depois, ganharia de Silvio Santos uma definitiva. “Enquanto não amputarem meu cérebro, meu coração e a minha língua, continuarei gritando pelo povo no programa”, disse, conforme matéria publicada na época.

Um mês depois do acidente, três mil pessoas compareceram ao estúdio da TVS, em São Cristovão, no Rio, para ver o apresentador do programa "O Povo na TV" voltar ao trabalho em cadeira de rodas. Pelo nível da recepção pode-se notar o prestígio que Wagner Montes já tinha na época, como narra a reportagem do Jornal do Brasil publicada na ocasião:

Segundo um dos produtores do programa, a festa era para ter sido realizada no Maracanãzinho, para que as milhares de pessoas pudessem ver de perto o apresentador, mas por problemas técnicos a emissora foi obrigada a adiar a iniciativa. De manhã, já era grande o número de pessoas que se amontoavam no pátio da emissora, onde foi colocado um televisor para os telespectadores. No início do programa foram apresentados 10 profissionais que trataram do apresentador durante o mês em que ele esteve internado. O diretor Wilton Franco fez um agradecimento especial aos médicos e ao tratamento dispensados nos Hospitais Miguel Couto e Souza Aguiar. Às 14h30 Wagner Montes entrou nos estúdios de cadeira de rodas, empurrada por seu pai, Cid Montes, tendo em sua mão um chicote, símbolo de sua campanha contra os marginais. Logo foi ao encontro de Wilton Franco. Abraçados, choraram durante algum tempo. Às 17h, atendendo a pedido da multidão que o esperava, o apresentador deu uma rápida passagem pelo pátio da emissora. A multidão gritava seu nome. Jovens de 15 a 18 anos choravam, e muitos, exibindo seu retrato, diziam: "Eu te amo". Já as pessoas idosas reclamavam do forte calor e dos constantes apertos, mas se diziam felizes em ver "o meu filho".³³

³² Disponível em <http://bit.ly/t8sLz3>. Acessado em 2 de maio de 2012.

³³ Disponível em <http://tvbau.blogspot.com.br/2010/01/1981-wagner-montes-volta-com-uma-perna.html>. Acessado em 30 de abril de 2012.

Depois do acidente, Wagner já subiu morros para acompanhar operações policiais com a polícia, saltou de paraquedas e leva uma vida normal. Hoje, a perna mecânica é mais um motivo para os deboches e brincadeiras do apresentador, que o tempo todo faz piadas com o fato e gosta de dizer na TV que dá “notícias em primeira perna”. Foi com uma dessas piadas que ele explicou seu sucesso no pleito de 2010, quando se reelegeu deputado estadual: “Sou pé quente. Também, pudera, só tenho um pé, se ele não for quente estou ferrado”.

3.6. Política: “O Rio precisa é de um xerife”

Ao contrário da trajetória na televisão, a carreira política de Wagner Montes é recente. Em 2006, afastou-se da televisão para concorrer a uma cadeira na Alerj. Já na primeira tentativa, grande sucesso: Wagner foi o deputado estadual mais votado na cidade do Rio de Janeiro e o terceiro no estado, com 111.802 votos. Ironicamente, a legenda que o acolheu foi a do PDT, partido fundado pelo ex-governador do Rio Leonel Brizola, ferrenho defensor dos Direitos Humanos, cujo discurso definitivamente não combinava com o estilo agressivo de Montes.

É curioso imaginar o que Brizola – conhecido por defender uma postura mais branda e ponderada da polícia, e por combater, quando governador do Rio de Janeiro, a chamada “política de extermínio” aplicada aqui pelos policiais – pensaria ao ver em seu partido político um homem que defende pensamentos como este a seguir:

O Rio não precisa de político, precisa de xerife. Para cada ação, uma reação. Polícia tem que prender bandido, mas, se o bandido der tiro no policial, tem que largar o aço pra que ele aprenda a respeitar. Entre um policial bom ferido no pé e mil bandidos na vala, fico com a segunda opção ³⁴.

Depois do êxito no primeiro mandato e com a popularidade em alta, o deputado foi reeleito em 2010 com votação ainda mais expressiva: os 528.628 votos recebidos fizeram dele o deputado estadual mais votado do Brasil em 2010 e o mais votado de toda a história política do estado do Rio de Janeiro. Em seus dois mandatos, já

³⁴ Disponível em <http://mais.uol.com.br/view/1575mnadmj5c/wagner-montes-o-rio-precisa-de-um-xerife-04026ED8A97346?types=A&>. Acessado em 15 de abril de 2012.

apresentou diversos projetos de lei – do aprovado projeto que obriga hospitais a fornecer álcool gel à proposta depois descartada de colocar publicidade na farda de policiais militares, que receberiam meio salário mínimo a mais para exercer a função de “garotos-propaganda”.

Tamanha aprovação popular despertou em Wagner o desejo de alçar voos mais altos na política. “Costumo dizer que qualquer jogador tem o sonho de jogar na Seleção Brasileira. Sonho em governar meu estado. E tenho certeza que serei um grande governador. Deus tem um plano para a vida da gente”, disse, em entrevista ao portal de notícias iG³⁵. As intenções de chegar ao cargo de governador ficam claras em declarações como a seguinte, feita no programa do dia 22 de maio de 2012, quando o apresentador do *Balanço Geral* comentava uma matéria sobre a morte de uma idosa na porta de um hospital público:

Quem me acompanha há anos sabe que eu já tomei muita pancada por ser como sou. Mas eu vou continuar falando. Cabe a mim falar. E agora cabe duas vezes, **porque o povo foi lá e acreditou em mim**. Não é pressão nenhuma que vai me calar, porque todo dia Deus restaura minhas forças. Vida social eu não tenho mais, mas não reclamo, agradeço a Deus por poder fazer o que o povo espera de mim, que é cobrar. **Eu não tenho o poder da caneta. Se eu tivesse o poder da caneta, seria diferente: ‘faça assim’, ‘faça aquilo’**. Mas eu não tenho, então preciso brigar. **Não sei se é uma missão que eu tenho**, mas vou continuar brigando por esses que não têm o microfone e a câmera pra pôr o dedo na ferida e rasgar o tumor. Custe o que custar!³⁶

Além de assumir a postura de defensor de seus eleitores (do povo “que foi lá e acreditou”, ou seja, que votou nele) e de tomar isso como uma “missão” sua, o apresentador aproveita o espaço que tem num programa ao vivo de duas horas e meia de duração para experimentar um discurso muito comum em propagandas eleitorais. “Se eu tivesse o poder da caneta, seria diferente”, diz ele, numa clara alusão ao poder Executivo: o poder da caneta, aí, é o da assinatura do governador do Estado, que aprova e cuida para que se cumpram as leis, justamente o que diz “faça assim”, “faça aquilo”,

³⁵ Disponível em

<http://ultimosegundo.ig.com.br/eleicoes/quero+ser+governador+declara+o+apresentador+wagner+montes/n1237813131624.html>. Acessado em 12 de abril de 2012.

³⁶ Transcrito do vídeo “Lutando pelos direitos da população do RJ”. Disponível em

http://www.youtube.com/watch?v=_5HpGO-KSJ8&feature=youtu.be&a. Acessado em 23 de maio de 2012.

como nas palavras do apresentador. Dessa forma, Montes sugere que, tendo esse poder, sendo governador, casos como o da idosa que a reportagem conta não aconteceriam. O foco do comentário não é a morte da idosa ou os problemas da rede pública de saúde no Rio de Janeiro, mas como a situação poderia ser diferente com Wagner Montes – o homem em quem o povo acredita, que abdica de sua vida social para cumprir sua “missão”, que sofre pressões e que é incansável em sua briga pelo povo a todo custo – no governo do estado.

Apesar da inegável influência de Montes no fortalecimento do PDT – seus votos ajudaram a aumentar de seis para onze o número de parlamentares do partido na Alerj, o que levou a jornalista Berenice Seara, do Extra, a arriscar dizer que o “PDT nasceu com Brizola e renasceu com Wagner Montes”³⁷ –, o partido resistiu à ideia de apoiá-lo em seus planos mais ousados na política, como a candidatura ao governo do estado ou ao Senado em 2014.

Mas não faltaram legendas dispostas a acolher os planos do deputado estadual mais popular do país: “Recebi convites de quase todas as legendas, se não de todas”³⁸, contou. O escolhido foi o PSD, partido criado pelo prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, em que Montes ingressou a convite do amigo Índio da Costa (ex-DEM), ex-deputado federal e candidato derrotado à vice-presidência da República na chapa de José Serra. “O Índio da Costa é um amigo antigo e me garantiu que eu terei uma participação mais ativa no PSD, serei mais ouvido”, explicou logo após anunciar sua saída do PDT, em outubro de 2011. Depois de ter classificado sua saída como “pacífica”, o deputado foi surpreendido pelo antigo partido, que entrou na Justiça pedindo a cassação de seu mandato na Alerj, com alegação de infidelidade partidária – sem sucesso, entretanto.

Apesar do êxito e da ambição de voar mais alto na vida política, o deputado e apresentador garante que não pretende deixar a televisão: “Não conseguiria manter meu status, meu estilo de vida, com o salário de deputado, que é de 13 mil reais. Na televisão eu ganho vinte vezes mais”³⁹, argumenta.

Considerando-se o discurso de Wagner Montes a respeito da função da polícia e de como a “bandagem” deve ser tratada, seria razoável esperar que ele entrasse em

³⁷ Disponível em <http://glo.bo/uY96HA>. Acessado em 2 de maio de 2012.

³⁸ <http://ultimosegundo.ig.com.br/eleicoes/quero+ser+governador+declara+o+apresentador+wagner+montes/n1237813131624.html>. Acessado em 12 de abril de 2012.

³⁹ <http://bit.ly/t8sLz3>

constantes conflitos com o segundo deputado estadual mais votado do Rio, Marcelo Freixo (PSOL), grande defensor dos Direitos Humanos. Wagner não só descarta a rixa como considera Freixo um amigo: “Quando alguém poderia imaginar que nos tornaríamos amigos? Hoje trabalhamos em conjunto, votamos em conjunto, desde a CPI das Milícias. Ele é um exemplo de dignidade e honradez, mesmo sendo adversário”, elogiou, na já citada entrevista ao jornal Extra.

Ditos amigos, Freixo e Montes assinaram juntos um requerimento para a CPI das Armas, em 2011. Em comum também têm o fato de terem servido de inspiração para personagens do filme “Tropa de Elite 2”, do diretor José Padilha, maior bilheteria nacional das últimas décadas, baseado na máfia das milícias do Rio de Janeiro e seus desdobramentos, como a CPI criada por Freixo em 2008.

Enquanto Freixo inspirou a criação do personagem Diogo Fraga, opositor do protagonista Capitão Nascimento e comandante da CPI, Montes emprestou suas características mais marcantes ao personagem Fortunato, um deputado e apresentador de TV muito popular, que influenciava as decisões do governador na trama, com envolvimento com as milícias e cujo bordão era "faca na caveira e pau na malandragem". O cenário do programa de Fortunato, com o Maracanã ao fundo, é muito semelhante ao do *Balanço Geral* (e o programa fictício, aliás, chamava-se “Mira Geral”).

O apresentador do *Balanço Geral* gosta de salientar que há muitas diferenças entre ele e o personagem vivido por André Matos (que se baseou até na expressão corporal de Wagner), ressaltando que nunca teve envolvimento com a máfia das milícias e nunca foi preso. A inspiração, nesse caso, seria apenas “estética”.

Na época do lançamento de “Tropa 2”, o criador da CPI, Marcelo Freixo, deu várias entrevistas em que “inocentou” Wagner Montes da ligação com o personagem Fortunato, e lembrou que o deputado foi um dos 25 que assinaram o requerimento feito por Freixo, em 2007, para a criação de uma CPI das Milícias. O relatório final da comissão parlamentar foi aprovado por unanimidade em 2008, na Alerj.

Outro ponto em comum com Marcelo Freixo é o fato de que ambos já receberam diversas ameaças de morte, embora de origens diferentes. Mas se Freixo chegou a deixar o país por um tempo, a convite da Anistia Internacional, no ano passado, Wagner Montes parece gostar de viver perigosamente. “Recebo ameaças todos os dias, mas

creio muito em Deus. Tenho porte de arma, mas ando com o vidro do carro aberto, anéis de ouro, relógio, com a mão para fora do carro. Torço para que apareça alguém dizendo ‘Perdeu, tio!’, porque vai levar uma *caroçada* [tiro] e eu vou dizer a ele ‘Achou, sobrinho!’”⁴⁰, provoca. “Com 15 anos eu risquei do meu dicionário as palavras ‘medo’, ‘medroso’ e ‘medrar’. Eu não tenho carro blindado, nem mudei hábitos. Aos meus inimigos, falo para tentarem a sorte”, diz o homem que tem preso à parede de sua sala, na Record, um sugestivo boneco de madeira do Super-Homem com seu nome gravado logo embaixo.

A ousadia é, sem dúvida alguma, uma das maiores características do personagem que Wagner Montes encarna como poucos: o do brasileiro que deu certo, como definiu o jornalista Caio Barbosa⁴¹, do *Extra*. Com 38 anos de carreira no jornalismo, comandando sozinho o programa ao vivo de maior duração na TV brasileira atual e reeleito deputado estadual com o maior número de votos da história política do estado do Rio de Janeiro, aclamado pelo público e bajulado por diversos partidos políticos, Wagner Montes já provou que pode não ser o dono do mundo, mas é, definitivamente, filho do dono.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Disponível em <http://extra.globo.com/noticias/rio/wagner-montes-abre-verbo-sobre-religiao-mulheres-polemicas-44409.html>. Acessado em 21 de maio de 2012.

4. *Balanço Geral*: “jornalismo sem meias palavras”

4.1. O público: o jornalismo popular e as classes C, D e E

Fundamental para o estudo do discurso e da linguagem de Wagner Montes em seu *Balanço Geral* é conhecer o público a que o programa se dirige. Afinal, aponta Esteves, “todo jornal é produzido a uma imagem de leitor, e é buscando se aproximar dele que o jornal mobiliza determinada língua imaginária” (2010, p.87). O mesmo princípio, é claro, vale para o telejornalismo, que em seu processo de produção leva em conta a imagem que tem de seu telespectador. O discurso do jornal é elaborado a partir disso, dessa noção de imagem do telespectador, que corresponde a um gesto interpretativo sobre o chamado público-alvo do programa: é o que se imagina a respeito dele, de sua linguagem e de seus gostos, do que esse consumidor deseja. Sempre associada a um segmento específico da sociedade, essa imagem do leitor/telespectador, indica Mariani, “pode ser apreendida, na própria prática do discurso jornalístico: no ‘como se diz’ já se encontra embutido o ‘quem vai ler’” (1998, p.57).

O *Balanço Geral* é assistido por 6 milhões de pessoas por mês, segundo dados do Ibope fornecidos à Record, e tem sua audiência formada por 39% de homens e 61% de mulheres. Quanto à faixa etária, pode-se dizer que é um programa para adultos: 8% têm entre 4 e 11 anos, 7% entre 12 e 17 anos, 6% estão na faixa dos 18 aos 24, 14% têm entre 26 e 34 anos, 24% são adultos dos 36 aos 48 e, finalmente, a maior fatia da audiência, 40%, tem 60 anos ou mais⁴².

Na definição de Giovinazzo (2003, p.18), produtos populares são “posicionados predominantemente para as classes C e D, [...] o que não impede que, eventualmente, sejam consumidos pelas classes A e B”. Ou seja, segundo essa definição, qualquer produto (incluindo o telejornal, que é um produto televisivo) deve se dirigir às classes menos abastadas para ser considerado popular. Pelo modo de falar de Wagner Montes, pressupõe-se que seu programa seja destinado às classes C, D e E, já que remete à maneira como se ouve falar a gente simples, o povo nas ruas. A fim de descobrir se esse pressuposto é verdadeiro, o recorte aqui escolhido para comparação do *Balanço Geral*

⁴² Dados do Ibope Media Workstation de abril de 2012, exclusivos da Record, obtidos pela autora por meio da área comercial do canal.

com outros programas exibidos na mesma faixa de horário foram os dados sobre a classe social a que pertencem os espectadores.

Entre os telespectadores do *Balanço Geral*, 24% pertencem à classe AB, 54% à classe C e 22% à classe DE. Isoladamente, esses dados podem dizer pouco, mas ganham relevância quando comparados a outros quatro programas que a Globo exibe durante o mesmo período em que o jornal de Wagner Montes vai ao ar. O primeiro deles é o *RJTV*, telejornal que, assim como o *Balanço Geral*, começa exatamente ao meio-dia, representado na tabela abaixo como *Praça TV*, cuja audiência corresponde a uma média da alcançada pelos telejornais exibidos nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Salvador, Campinas, Florianópolis, Porto Alegre e Curitiba. A audiência média dos jornais locais está concentrada 39% nas classes AB, 49% na classe C e 12% na classe DE.

Logo em seguida, a partir de 12h50, a Globo exibe o *Globo Esporte*, que apresenta notícias esportivas e tem 33% de sua audiência pertencente à classe AB, 50% na classe C e 17% na classe DE. Às 13h20 começa o *Jornal Hoje*, um telejornal mais “leve”, que privilegia pautas mais frias – sobre comportamento, saúde e gastronomia, por exemplo – em vez das notícias urgentes. Nesse caso, 36% dos telespectadores são da classe AB, 48% da classe C e apenas 16% da classe DE.

Finalmente, das 13h50 às 14h30 (hora em que termina também o *Balanço Geral*) vai ao ar pela Globo o *Vídeo Show*, um programa que exercita a metalinguagem ao tratar exclusivamente dos bastidores de atrações da própria emissora. 30% da audiência do *Vídeo Show* correspondem à classe AB, contra 49% da classe C e 21% da classe DE.

O predomínio da classe C nos quatro programas comparados não é uma surpresa, já que essa fatia hoje corresponde a 52% da audiência da televisão aberta, como veremos adiante. De todos eles, o *Balanço Geral* é o que tem maior alcance entre as classes C e DE e a menor penetração na classe AB – o que nos permite dizer, resgatando a definição de Giovinazzo, que, considerando os quatro em comparação, é o programa mais “popular” exibido entre o meio-dia e as 14h30.

	Classe AB	Classe C	Classe DE
Balanço Geral ⁴³	24%	54%	22%
Praça TV ⁴⁴	39%	49%	12%
Globo Esporte ⁴⁵	33%	50%	17%
Jornal Hoje ⁴⁶	36%	48%	16%
Vídeo Show ⁴⁷	30%	49%	21%

Tabela 1: comparação dos programas *Balanço Geral*, *Globo Esporte*, *Jornal Hoje* e *Vídeo Show* quanto à classe social do público

Para além da mera restrição de classe social, convencionou-se chamar jornalismo popular “aquele ligado mais diretamente aos temas e interesses do povo e que se serve também da oralidade, para melhor ser compreendido por seus leitores” (DIAS, 1996, p.16) Ao se propor a abordar os “interesses do povo” de que fala Dias, o jornal lança mão de um gesto interpretativo, ou seja, tenta especular quais são os gostos e interesses do público a partir da imagem que faz dele, exatamente como toda empresa analisa o perfil de seu consumidor em potencial. O retorno, medido pela audiência do programa – ou pelas vendas do produto, no caso do comércio –, determina se o tiro foi certo ou não.

A julgar pelas pautas frequentes no *Balanço Geral*, os “interesses do povo” são, principalmente, a) **problemas comunitários** – como o caso da mulher teve a casa invadida por esgoto e não pode contar com a CEDAE e a Comlurb para resolver seu grave problema – b) **dramas da vida real** – dos idosos que foram parar em abrigos depois que perderam a memória e não conseguem voltar para casa ao bebê de cinco meses que sofre de uma doença chamada linfangioma e por isso tem um braço gigante – c) **lazer** – reportagens mais descontraídas, como as que foram feitas numa feira de artigos para casamentos e num churrasco no Complexo do Alemão – e, principalmente, d) **violência, crime e polícia** – são os assuntos predominantes, do homem que estuprou

⁴³ Dados do Ibope Media Workstation de abril de 2012, exclusivos da Record, obtidos pela autora por meio da área comercial do canal.

⁴⁴ Fonte: Ibope Media Workstation. Mercados considerados: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Salvador, Campinas, Florianópolis, Porto Alegre e Curitiba.

⁴⁵ Fonte: Ibope. Novembro de 2010. Disponível em http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_esporte/globoesporte_dados.php

⁴⁶ Disponível em http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_jornalismo/jornalhoje_dados.php

⁴⁷ Disponível em http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_show/videoshow_intro.php

a própria neta à mulher que sofreu um assalto e foi arrastada por 500 metros, de carro e às operações da polícia em favelas cariocas.

Esses mesmos temas costumam pautar o jornal *Meia Hora de Notícias*. Em formato de tabloide, o *Meia Hora* foi criado em 2005 pelo grupo *O Dia* “como forma não apenas de competir com o *Extra* [jornal popular da empresa Infoglobo], mas de trazer uma proposta ‘agradável e moderna’”, como conta Esteves (2010, p. 90) Mais barato que o *Extra* e que o próprio *O Dia*, o novo jornal pôde alcançar mais faixas de mercado, com ampla penetração nas classes C, D e E. Desde então, o *Meia Hora* é um sucesso de vendas, mas, além dos leitores, tem também chamado atenção da própria imprensa: como Esteves observa, o jornal já foi pauta para matérias de vários outros veículos de comunicação.

O *Meia Hora* desperta curiosidade especialmente por causa de suas capas, que abusam do deboche e dos trocadilhos – é muito comum, por exemplo, ver imagens de capas do jornal sendo publicadas por usuários no Facebook, rede social em que normalmente se compartilham piadas e imagens engraçadas. Ficaram famosas manchetes como “Luana não tem mais Dado em casa” (publicada em novembro de 2008 com a foto do ator Dado Dolabella, recém-separado de Piovani, no lugar da palavra “dado”), “Mulher oferece ‘bola gato’ (de julho de 2010. Novamente, em vez das palavras, foram usadas fotos de uma bola e de um gato, em referência à gíria para sexo oral) como propina a PM”, “Macumba da sogra faz homem perder o pinto e ganhar periquita” (de agosto de 2010, que mereceu no dia seguinte uma *suíte*, termo jornalístico para continuação de um assunto, também na capa: “Travestis também querem macumba que faz o pinto sumir”).

O *Balanço Geral* tem muito em comum com o *Meia Hora* além do fato de que o apresentador do programa já teve uma coluna publicada no tabloide. Ambos utilizam linguagem popular – com marcas da oralidade e todo o espaço para gírias e expressões tidas como vulgares – e apostam no deboche e na ironia para tratar mesmo de temas sérios. Além disso, os tipos de pauta predominantes nos dois meios são os mesmos (já relacionados acima), e ambos têm predileção pelo exagero: as cores fortes, as letras grandes e as exclamações que estão na capa e no interior do *Meia Hora* correspondem aos gritos, às expressões faciais exageradas e aos efeitos sonoros de que Wagner Montes

dispõe na televisão. Em termos de classe social do público-alvo dos dois, a comparação também é válida:

	Classe AB	Classe C	Classe DE
Balanço Geral ⁴⁸	24%	54%	22%
Meia Hora ⁴⁹	25,9%	64%	10,1%

Tabela 2: comparação entre o programa *Balanço Geral* e o jornal *Meia Hora* quanto à classe social do público

Os dados do estudo de público do *Meia Hora* são um pouco mais precisos que os do *Balanço Geral* e detalham que os 25% da classe AB são compostos por 0,9% na classe A e 25% na classe B. Já os 11% da classe DE são, em verdade, 9,5% da classe D e 0,6% na classe E. Como mostra a tabela, a penetração dos dois na classe AB é quase idêntica, e a grande diferença está na distribuição do público entre a classe C e a classe DE. Enquanto o *Meia Hora* concentra a maioria absoluta de seu público na classe C (64%, contra 54% do programa de Wagner Montes), o *Balanço Geral* divide bem esse número com a classe DE, que ainda representa 22% do todo. Não se pode perder de vista que, apesar das muitas semelhanças nos formatos e na linguagem dos dois produtos analisados, estamos comparando jornal impresso e telejornal, ou seja, veículos midiáticos diferentes. Além disso, as duas pesquisas foram desenvolvidas por institutos distintos.

4.2. Linguagem: a fala não globalizada, ancorada no imaginário de dialeto

Foi assistindo a uma reportagem do *NETV*, o telejornal da Globo Nordeste, sobre o trânsito na avenida Beberibe⁵⁰, no bairro de Água Fria, no Recife, que o escritor e jornalista Uraniano Mota, natural desse mesmo bairro do subúrbio da capital pernambucana, atentou para um detalhe importante sobre o uso da linguagem nos telejornais da emissora. Na matéria em questão, os apresentadores e o repórter o tempo

⁴⁸ Dados do Ibope Media Workstation de abril de 2012, exclusivos da Record, obtidos pela autora por meio da área comercial do canal.

⁴⁹ Fonte: Ipsos Marplan – Grande Rio – Consolidado 2011. Estudo disponível em http://www.odiacomercial.com.br/pdf/perfil_leitores_2012.pdf

⁵⁰ “Falta de sinalização em avenida movimentada do Recife traz perigo para pedestres”. Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/netv-1a-edicao/v/falta-de-sinalizacao-em-avenida-movimentada-do-recife-traz-perigo-para-pedestres/1772082>. Acessado em 22 de maio de 2012.

todo chamavam a conhecida avenida de Recife por “Bê-bê-ribe”, embora seja notório, segundo Mota, que o povo da cidade sempre pronunciou o nome da avenida como “Bibiribe”, a despeito da forma como se escreve a palavra⁵¹. (MOTA, 2012)

O fato chamou a atenção de Mota especialmente porque não se tratava ali do *Jornal Nacional* (que ele chama de “trato absoluto”), que é exibido no país inteiro mas sabidamente produzido no Rio de Janeiro – o que muitas vezes pode justificar ruídos e diferenças na pronúncia do apresentador do telejornal e a do povo da cidade que ambienta a reportagem. O telejornal, naquele caso, era o *NETV*, produzido ali mesmo, no Nordeste, e a matéria foi feita por um repórter que deve ter treinado muito até chegar ao estúdio em que estava, quase sem sotaque algum.

Intrigado, o telespectador telefonou para a redação da Globo Nordeste e teve com o jornalista que o atendeu o seguinte diálogo:

- Amigo, por que vocês falam Bê-bê-ribe, em vez de Bibiribe?
- Porque é o certo, senhor. Bé-Bé é Bebê.
- Sério? Quem ensina isso é algum mestre da língua portuguesa?
- Não, senhor. O certo quem nos ensina é uma fonoaudióloga. (MOTA, 2012)⁵²

Decidido a pesquisar o tema, Mota descobriu que data de 1974 o início do treinamento dos repórteres de vídeo da rede Globo. Uma das idealizadoras do *Jornal Nacional*, a jornalista Alice-Maria conta que havia “necessidade de alguém que orientasse sua formação [dos repórteres] para que falassem com naturalidade”⁵³, o que é, no mínimo, um contrassenso, já que por “natural” compreende-se aquilo em que não há intervenção, que flui – o que remete à definição de Esteves sobre a dicotomia entre o que Orlandi chama de “língua fluida” e “língua imaginária”:

A Análise do Discurso compreende essa dicotomia entre língua fluida x língua imaginária como uma oposição entre a língua que não se deixa conter pelas regras, assim dotada de heterogeneidades de formas e sentidos – a língua fluida – e a língua que é moldada segundo regras, diretrizes; aquela cuja “liberdade de variação”, como colocado por Aurox, é diminuída depois de um processo de fixação de formas e sentidos. (ESTEVES, 2010, p. 31)

⁵¹ Disponível em <http://advivo.com.br/blog/luisnassif/a-padronizacao-do-sotaque-no-telejornalismo?page=3>. Acessado em 22 de maio de 2012.

⁵² Idem

⁵³ Idem.

Para Esteves, os manuais de jornalismo “imprimem uma língua imaginária [oposta, portanto, à língua fluida] em suas páginas” (2010, p.31) quando definem com que palavras, estruturas e formas deve ser construído um texto jornalístico e que outras tantas devem ser evitadas. É exatamente o caso da rede Globo e da fonoaudióloga contratada para exercer a função de autoridade da língua portuguesa. Determinadas variedades que a língua admite, continua o autor, sofrem um tipo de censura que está ligada à imagem que se faz da norma, “uma imagem repleta de sentidos sobre os sujeitos que também falam determinadas variedades e sobre os sujeitos que se ‘adéquam’ mais à norma” (2010, p.30).

Uma das responsáveis por essa padronização do modo de falar dos apresentadores é a fonoaudióloga Glorinha Beuttenmüller, que trabalhou por 18 anos como fonoaudióloga exclusiva da Globo, contratada por Alice-Maria e Armando Nogueira, e que não por acaso ficou conhecida como a “moderadora da fala do jornalismo brasileiro”. Mas essa escolha da Globo pela “transnacionalização” da linguagem, por um padrão formal e rígido, não se restringe, é claro, ao modo de falar de seus repórteres, assumindo também um significado político, ideológico.

Afinal, como a língua é base do discurso, que por sua vez é o lugar de contato com a ideologia, como lembra Esteves, é impossível separá-la do social. Sendo assim, pode-se dizer que esse comportamento discursivo “asséptico”, sem espaço para as “manchas” dos regionalismos, dos sotaques e dos vulgarismos, ressoa um modelo de conduta igualmente “higienizador” da emissora. A Globo é um canal de TV que se orgulha de incluir favelas cenográficas, samba e futebol em suas novelas⁵⁴ – que se pretendem um retrato do cotidiano, mas que muitas vezes não passam de caricaturas –, além de assumir empregadas domésticas como protagonistas de suas tramas, de olho na ascensão da chamada classe C⁵⁵ como espectadora e consumidora. No entanto, em relação ao seu telejornalismo, a emissora ainda não conseguiu abandonar o tom professoral e o ar de superioridade para então deixar de *falar para* o povo e passar a *falar com* o povo e portanto *ser com* o povo, *ser o povo*.

⁵⁴ Disponível em <http://oglobo.globo.com/revista-da-tv/a-tv-se-rende-nova-classe-media-4934814>
Acessado em 20 de maio de 2012.

⁵⁵ A classe representa mais da metade da população brasileira e 52% de toda a audiência dos canais abertos em 2011, segundo a pesquisa “Classe C urbana do Brasil: somos iguais, somos diferentes”, feita pelo Ibope em 2010 e disponível em <http://www.ibope.com/maximidia2010/>

O extermínio dos regionalismos e das expressões populares que marca a fala dos jornalistas da Globo tem a ver com o conceito de gramatização definido por Sylvain Aroux que Esteves estende dos dicionários e gramáticas aos manuais de redação dos jornais:

As gramáticas partem de uma prática de fixação da língua, silenciando algumas variedades, como temos visto. [...] Não são entendidos [a gramática e o dicionário] como compêndios em que a língua é reproduzida refletindo sua estrutura, mas como modos de fixação da forma linguística. E essa tentativa ilusória de fixação não termina neles dois... [...] Ao fixar a língua que é trazida nos jornais, recomendando, traçando diretrizes, constituindo sentidos do profissional jornalista a partir da língua do jornal que esse mesmo profissional deve “usar”, os manuais de redação serão instrumentos de gramatização. (ESTEVES, 2010, p. 29)

Agora, da mesma forma que o modelo de fala estabelecido pela Globo é uma escolha ideológica, a “permissividade” da Record no que diz respeito ao comportamento linguístico de Wagner Montes é também uma atitude política: uma aposta no reconhecimento, na identificação do público com o apresentador, que gera empatia imediata. E é também uma aposta do próprio Montes, que vê nessa identificação uma possibilidade de aceitação e reprodução de seu discurso, de sua ideologia, de seu modo de pensar segurança pública, por exemplo – de que depende seu próprio sucesso na carreira política, não nos esqueçamos.

Os chamados regionalismos e vulgarismos de que Montes, ao contrário dos apresentadores e repórteres da Globo, abusa em seu programa são tidos como *erros* pelo *Dicionário de linguística e gramática* de Joaquim Mattoso Camara Jr:

Do ponto de vista da norma, a variabilidade que a contraria constitui o ERRO, e temos, portanto, 3 espécies de erro: a) regionalismos; b) vulgarismos; c) erros individuais, que correspondem ao idioleto. Todos esses três tipos de erros atuam contra a norma e tendem como enfraquecê-la ou modificá-la, principalmente quando na estrutura social se debilita o prestígio do lugar e da classe que representa. (CAMARA JR. apud ESTEVES, 2010, p. 40)

Sendo assim, os vulgarismos e os vocábulos populares devem ser evitados, de acordo com Mattoso, já que se distanciam da “língua ideal”:

POPULARES – [...] chamam-se populares as palavras próprias da língua popular e evitadas no uso culto adstrito a uma norma linguística. (CAMARA JR. apud ESTEVES, 2010, p. 44)

VULGARISMOS – Qualquer traço linguístico do uso da língua nas classes populares, que diverge da norma [...] serve de índice de incultura e de nível intelectual baixo. (CAMARA JR. apud ESTEVES, 2010, p. 44)

As colocações de Mattoso ajudam a compreender os princípios dos comportamentos discursivos do *Jornal Nacional*, do *NETV* e de todos os telejornais da Globo e, por oposição, do *Balanço Geral*. Enquanto Wagner Montes persegue esses “traços linguísticos do uso da língua nas classes populares” presentes no que Mattoso chama de vulgarismos, a Globo evita a todo custo associar-se a uma forma de uso da língua que sugere “incultura” ou “nível intelectual baixo”. Disso depende a sua pretensa credibilidade jornalística. Essa postura, aliás, tem a ver com o fato de que o erro linguístico é associado a um erro social, já que, como indica Esteves, “ao considerar a diferenciação (oposta à unidade) um erro, também se está considerando que os grupos que imaginariamente dela fazem uso também estão errados” (2010, p.69).

Daí a decisão da Globo de que o telejornal não é lugar para um comportamento discursivo espontâneo, natural. Não há espaço para o uso de língua natural do próprio jornalista: ali, ele não é um indivíduo, não é o povo, mas é a emissora – e precisa seguir o padrão escolhido por seus superiores. A orientação sobre o modo de falar que Glorinha Beuttenmüller instituiu, citada no texto de Mota e comprovada em diversas entrevistas da fonoaudióloga, tem sobre os telejornais o mesmo efeito que os manuais de redação têm nos jornais impressos, o da gramatização, da fixação da língua.

Exatamente porque o regionalismo é tido como erro a ser evitado, a Globo tem uma fonoaudióloga para ensinar aos jornalistas a falar uma língua que, na verdade, não se ancora em lugar nenhum. Não há espaço para as vogais abertas e a fala “cantada” características de alguns lugares do Nordeste, para a pronúncia anasalada do paulistano, para o chiado do carioca ou para qualquer outro tipo de sotaque ou marca regional. Em nome do chamado “padrão Globo de qualidade”, o telejornalismo da emissora da família Marinho precisa se afirmar justamente como um símbolo contrário às interpretações associadas ao uso de expressões populares, vulgarismos e regionalismos.

Na contramão dessa língua “transnacional” e padronizada, Wagner Montes fala um português totalmente ancorado numa comunidade específica, identificado com a população que vive nas periferias da cidade e do estado do Rio de Janeiro. Com isso, preenche uma lacuna que é deixada por esse jornalismo asséptico, com o qual essa

parcela da população não estabelece nenhuma identificação – assim como faz o *Meia Hora de Notícias* em relação ao jornal *O Globo*. Mas é evidente que o uso de língua de Montes também corresponde a um imaginário que se faz do telespectador do *Balanço Geral*. Nesse ponto, pode-se aplicar à fala de Wagner Montes na televisão a observação de Esteves quanto à língua do jornalismo popular:

No caso da língua imaginária do jornalismo popular é possível observar um fundo falso: a própria língua popular. [...] Quando o jornalista escreve uma língua supostamente popular no jornal, ainda que caia na ilusão de estar escrevendo a língua de fato falada pelo povo, ele está fazendo uso do imaginário de povo. (2010, p.94)

Não se pode negar, entretanto, que Montes é bem-sucedido em seu projeto de atuar como um retrato da gente que anda pelas ruas do Rio, e por isso mesmo é inevitável que boa parte do público se identifique plenamente com ele e com sua fala – preenchida pela incitação ao Estado policalesco, autoritário, agressivo. A fim de continuar ecoando e reforçando com êxito o senso comum, Wagner Montes se apropria da linguagem, das gírias, dos vulgarismos, dos “erros”, da entonação e até mesmo dos clichês e estereótipos associados ao público que a ele assiste para cativar essa parcela da audiência. E essa admissão das ambiguidades, do equívoco, das variedades “não como um apêndice, um erro ou um problema”, aponta Esteves, “mas como um constituinte da língua é repensar a questão do sujeito, advinda da psicanálise, e da língua, trazida da linguística” (2010, p. 18). Pensar a questão da língua e do sujeito é também considerar o terreno ideológico e social em que ambos se instalam. Afinal, o comportamento discursivo do apresentador do *Balanço Geral* ressoa (e, por isso mesmo, amplia) a voz do público que ele pretende representar – um público cuja voz costuma ser silenciada. A fala do apresentador em entrevista concedida à autora corrobora essa ideia:

Eu sempre digo que **o *Balanço Geral* é feito para o povo e pelo povo**. Eu nasci na Baixada Fluminense e tenho muito orgulho disso. Não faço tipo, sou desse jeito mesmo e não pretendo mudar. Às vezes eu ouço uma gíria nova na rua e uso no programa. Muitas delas se transformam em bordões conhecidos pelo público como o “Escraaacha”, que já virou uma marca registrada minha. Acredito que tenho um público fiel, pois sabem que sou verdadeiro e autêntico. O público não é bobo. Sabe quando fingem ser o que não são. [...] [Tenho orgulho] Da credibilidade e do reconhecimento que conquisei junto ao meu público. Isto não tem preço. Reconhecimento este que só

se faz presente devido à seriedade do meu trabalho. A minha voz é a voz do povo. (MONTES, 2012)⁵⁶

Montes não age como alguém que *fala pelo povo*, mas se apresenta como alguém que *é o próprio povo falando*. E o uso da língua feito por ele tem aí papel fundamental: aceitar que determinadas variedades linguísticas podem ser usadas por um apresentador de telejornal – que ocupa um lugar de prestígio na sociedade, o lugar dos que têm direito à fala – é legitimá-las, e legitimar o uso da língua feito por alguém praticamente equivale a *legitimar esse alguém*. É esse, portanto, o efeito que pretende causar: o de legitimador dos sujeitos que se associam a essa língua – nesse caso, os motoristas de vans, as empregadas domésticas, a “poliçada”, os porteiros, o suburbano carioca, o morador da Baixada Fluminense, enfim, o público que se identifica com Montes e por ele se vê representado no telejornal da Record. É o que Bethania Mariani chama de “pontos de identificação simbólica do sujeito à formação de onde enuncia”:

Há marcas de subjetividade inscritas no dizer, marcas que assinalam, simultaneamente, traços do registro inconsciente e do assujeitamento ideológico. Em termos discursivos, essas marcas representam os pontos de identificação simbólica do sujeito à formação discursiva de onde enuncia. Por caminhos diferenciados, a psicanálise lacaniana e o materialismo histórico althusseriano apontam para isso, para o fato de que estamos submetidos ao campo da linguagem [...]. (MARIANI, 2007, p. 208)

O que alguns gramáticos chamam de erro não é um problema para Wagner Montes. Aqui, aliás, cabe comparação com uma reportagem do programa *Brasil Urgente*, exibido pela Band na Bahia, que se espalhou pelas redes sociais e gerou burburinho depois que o vídeo foi disponibilizado no YouTube⁵⁷, em maio deste ano. Na matéria, a repórter Mirella Cunha protagoniza uma cena de escárnio declarado sobre um jovem, acusado de estuprar uma mulher, apresentado apenas como Paulo – acusados de estupro não têm direito a um sobrenome, ao que parece. Na delegacia, enquanto o garoto – negro e desdentado – chora ao se defender da acusação, a atuação de Mirella Cunha até faz lembrar a de Wagner Montes: ela assume uma postura séria e inflamada e não pergunta, mas afirma e acusa o jovem dizendo “Você não estuprou mas queria estuprar!”. Mas a questão do (suposto) estupro torna-se secundária a partir do momento em que o rapaz demonstra ignorância e diz que faria exame de próstata para provar que

⁵⁶ Entrevista concedida à autora. Íntegra disponível nos anexos do trabalho.

⁵⁷ “Acusado de estupro quer fazer exame de próstata”. Vídeo disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=F6VCbJHtzdc&feature=youtu.be>. Acessado em 23 de maio de 2012.

não é estuprador. Aí, repórter abandona a indignação e desfaz a expressão séria do rosto.

Cunha passa debochar do modo como o rapaz pronuncia a palavra “próstata”, fazendo-o repeti-la por nove vezes. “Exame de quê? Fala o nome do exame de novo!”, pedia, aos risos. Ela se diverte à custa da humilhação do jovem ignorante – e faz insinuações quanto à sexualidade dele ao perguntar “Você quer fazer o exame? Você gosta? Sabe onde fica a próstata?” – e em momento algum explica que o único exame a ser feito nesse caso é o de corpo de delito (e, ainda assim, pela mulher que supostamente foi estuprada). O ponto central, a grande atração da reportagem passa a ser a ignorância do homem que não sabe pronunciar a palavra “próstata” e nem sabe ao certo o que isso significa.

Essa mesma pauta – um jovem negro e desdentado, algemado na delegacia, acusado de estupro – caberia perfeitamente ao *Balanço Geral*, que exhibe diariamente reportagens como essa. A diferença está na forma como Mirella Cunha e Wagner Montes se comportam diante de um caso como esse. Na fala de Montes também existe o julgamento, mas o ar de superioridade do apresentador e deputado tem relação com a conduta, com a postura de homem honesto e idôneo, conhecedor da lei e íntimo da polícia (portanto apto a julgar) que ele assume diante dos supostos criminosos. Não entra em questão – ao menos não diretamente – a classe social que o uso da língua evidencia: Wagner Montes dificilmente debocharia do modo como um homem pobre pronuncia uma palavra.

A julgar pelo modo como Wagner Montes costuma conduzir os comentários das reportagens de seu programa, pode-se especular que, enquanto Mirella Cunha fez questão de reforçar a diferença que havia entre seu “nível intelectual” (para usar a mesma expressão empregada por Mattoso em sua definição de vulgarismo) e o de Paulo, Montes preferiria, num caso assim, deixar claro que tem as mesmas origens e pertence à mesma classe que o rapaz – evidenciando isso pelo uso da língua, das gírias e até dos “equivocos” –, sendo a única diferença o fato de que o apresentador está “do outro lado da força”, do lado das “pessoas de bem” – expressão que o próprio utiliza frequentemente no *Balanço Geral*.

Em seu programa, Montes com frequência se confunde ou finge se confundir quanto à pronúncia de diversas palavras, justamente porque assume o equívoco na

linguagem e se apropria dele para gerar ainda mais identificação com seu público – e isso, é claro, depende do imaginário que o apresentador faz de seu telespectador. O reconhecimento do equívoco, aliás, não acontece apenas no que diz respeito à língua, mas a (quase) tudo que dá errado no *Balanço Geral*: Montes costuma tratar com naturalidade algumas falhas que são comuns à produção de qualquer programa.

Um dos exemplos mais extremos dessa postura aconteceu quando Montes comentava uma matéria sobre o Circo Voador, em 2009: enquanto o apresentador mandava um abraço para “a galera do Circo”, um de seus dentes se soltou e “pulou” da boca, indo parar no chão. Sem o menor constrangimento, com um sorriso debochado no rosto, ele disse “Caiu um negócio aqui”, abaixou-se, guardou o dente no bolso e continuou a falar, até explodir numa gargalhada. “Eu fui lá buscar, vai que eu perco? Caiu meu dente aqui, rapaz! O meu provisório!”, e pegou de volta o dente no bolso para colocá-lo na boca: “Pronto, ficou legal!”. Em seguida, Wagner Montes se dirige a uma mulher que aguardava num canto do estúdio para fazer propaganda de um produto e diz, chegando bem perto dela, em tom de muita cumplicidade:

“**Aqui é assim**, tá pensando que eu engano o povo? **Eu não engano o povo, não!** Eu senti um vácuo... É que eu tenho que ir ao dentista mais tarde, quando acabar o programa eu vou pra lá. Eu fiz implante, aí tenho que ir lá acertar. Tu viu? Voou! Você assiste ao programa em casa? Você viu como eu não engano o povo?”⁵⁸

O gesto de abaixar-se para recolher um dente que caiu, guardá-lo no bolso e depois rir de si mesmo ao recolocar o dente na boca já diferencia Montes da maioria dos outros apresentadores de televisão, que num caso como esse ficariam numa “saia justa”, preferindo ignorar o fato ou apelar para um intervalo comercial para resolver o problema. É a essa diferença que Montes se refere quando diz “*Aqui é assim*”, sugerindo que existe um *lá*, ou seja, outros programas, em que isso não aconteceria. Mas ele precisa sublinhar o gesto, reforçá-lo com palavras, enfatizar que o fato de assumir o inesperado e expor o ridículo significa ser sincero com o povo. A frase “eu não engano o povo” é uma interpretação que ele impõe ao próprio gesto – e é fundamental para criar a sensação de intimidade com o telespectador, de sinceridade, espontaneidade e confiança

⁵⁸ Transcrito do vídeo “Wagner Montes e o dente voador”. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=iS7NrLe8shI>. Acessado em 2 de maio de 2012.

4.3. O discurso na incitação ao estado policialesco

4.3.1. Escracha! Os bordões de Wagner Montes

Entre as características mais marcantes de Wagner Montes como apresentador estão os bordões ditos por ele ao analisar “casos de polícia”. Matérias sobre estupros, assassinatos, assaltos ou qualquer outro crime ou investigação policial costumam receber comentários arrematados por frases de efeito que estimulam a atuação forte e repressiva da polícia.

Os bordões de Montes são slogans – e um slogan não é apenas uma bandeira de campanha, mas uma maneira de apresentar um modelo de pensamento de forma clara, simples, reduzida e acessível. Etimologicamente, slogan vem de “Sluagh-Ghairm”, ou seja, “grito de guerra” no gaélico-escocês (COSTA, 2008) – nada mais adequado para a fala de um apresentador que costuma falar de segurança pública como quem traça estratégia de guerra. Na definição de Reboul (1975), o slogan é uma “fórmula concisa e marcante, facilmente repetível, polêmica, [...] destinada a fazer agir as massas”, oriunda da política – nasceu com o “Il mare est nostrum”, cunhado em moedas do império romano para fortalecer a imagem do imperador Julio Cesar – e não do comércio, como se poderia pensar (GOMES, 2004).

O slogan coloca as propostas de maneira maniqueísta, de maneira absoluta. Assim sendo, fora de seus termos, não há posição possível: ou se está a favor, ou se está contra. Por último, o slogan aparece como portador de uma verdade objetiva que dissimula, de certa maneira, sua finalidade persuasiva. [...] O slogan configura-se como um grito que implica uma dupla conotação de instinto e comunicado, grito que expressa um projeto e dinamiza e impulsiona a coletividade até sua consecução. (GOMES, 2004, p. 98-99)

De fácil contágio, os slogans de Montes fazem sucesso com o público, que os reproduz nas ruas⁵⁹, embora uma análise atenta permita enxergar que, nos bordões descritos a seguir, o apresentador não se dirige ao povo, mas à polícia:

⁵⁹ Os bordões fazem tanto sucesso que em 2011 foi criado um serviço que permite que usuários de telefone celular transformem as frases ditas pelo apresentador em *ringtones* ou *tru tones*, para usá-las como toques para as chamadas de seus aparelhos. Conforme descrito no vídeo disponível em http://www.youtube.com/watch?v=hNgC_KbBv_g&feature=player_embedded, acessado em 12 de maio de 2012.

- a) **“Pra cima deles!”**: Apesar de não conter verbo algum, a frase transmite uma ideia clara de imperativo. Se houvesse verbo aí, certamente estaria no tempo que expressa ordem. Mais que um incentivo, o slogan de Montes é uma ordem clara à ação da polícia. A frase completa, com verbo e sujeito, poderia ser “*Vão vocês, [policiais], pra cima deles!*” ou “*Corra você, [‘poliçada’], pra cima deles!*”. Sabemos que nesse caso “pra cima” significa “contra”, simboliza uma investida para destruir, e conhecemos os possíveis sujeitos ocultos e verbos da oração. Mas quem são *eles* sobre os quais Montes recomenda essa agressiva investida policial? *Eles*, fica evidente quando se acompanha a fala do apresentador, são os “criminosos”, os “bandidos”, os “vagabundos”, os “marginais”. Considerados inimigos da nossa sociedade, *eles* representam afinal tudo aquilo que *nós* devemos combater, de acordo com o discurso do apresentador e deputado. É como se *eles* não fizessem parte da mesma sociedade que *nós* – e aqui o termo “marginal” parece então caber perfeitamente.
- b) **“Senta o dedo!”**: Com uma referência evidente ao gesto de atirar, que exige que se coloque o dedo no gatilho, o bordão é um incentivo de Wagner Montes a que a polícia, novamente o “você” da frase, resolva o problema da violência com tiros (ou seja, com mais violência). “Sentar” o dedo é mais que apenas “aplicar” o dedo para apertar o gatilho, é insistir no gatilho, insistir no tiro. O bordão em geral vem acompanhado de outro, “larga o aço!”.
- c) **“Escracha!”**: Preferido de Wagner Montes e do público, é o que se associa à imagem do apresentador de maneira mais forte e imediata. Dá nome a um dos blogs de Montes e também já foi o título de sua coluna no jornal *Meia Hora de Notícias*. De acordo com o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* “escrachar” alguém é:

1. t.d. fichar (alguém) na polícia após fotografá-lo
2. t.d. desmoralizar (alguém) revelando seus desígnios ocultos
3. t.d. repreender, passar descompostura em; esculachar, esculhambar

Pela definição do dicionário, nota-se que o ato de escrachar envolve um julgamento. Ao vivo pela Record, Wagner Montes decide quase todos os dias quem

merece ou não ser escrachado. O bordão é usado sempre depois de alguma reportagem sobre crime, normalmente com o rosto do acusado na tela. O momento é o ponto alto do programa. O “escracha” de Wagner Montes – prolongado, dito com muitos “es” e “as”, com muito exagero e acrescido de um eco pela sonoplastia: “eeeeescraaaaaaacha!” – remete às considerações de Gomes sobre o slogan:

Quando utilizado nos meios audiovisuais, o slogan aparece como arremate essencial do discurso e, geralmente, surge vestido com elementos sonoros que reforçam e engrandecem suas palavras. (GOMES, 2004, p. 98)

d) **“Larga o aço!”**: Outra referência clara ao tiro, dessa vez pelo aço, material de que são feitas algumas balas de revólveres. Os alvos do aço da polícia, são, é claro, os acusados dos crimes exibidos no *Balanço Geral*. O verbo “largar” aqui não assume o sentido de abandonar ou de deixar de lado, mas de desfechar, soltar, emitir (em abundância). “Largar o aço” não é disparar apenas um tiro, mas atirar muito, “sair atirando”.

Em novembro de 2010, este último bordão deu nome a um movimento criado na internet⁶⁰ depois que foram exibidas na TV imagens de traficantes fugindo da ação da Polícia Militar na Vila Cruzeiro. Intitulado “Operação Larga o aço – eu apoio”, o movimento incentivava que a polícia adotasse medidas agressivas no combate ao crime, entrando em favelas com o caveirão e matando “bandidos”. Isso só comprova que o discurso de Wagner Montes contagia e tem grande influência sobre o pensamento de sua audiência quanto às questões de segurança pública: esse discurso não é certo apenas por ser conservador e de extrema direita, mas principalmente por sua carga emocional. A fala inflamada de Wagner Montes é marcada por clichês, e o clichê é algo que seduz e cativa pela emoção, como indica Marcondes Filho, citado na obra de Danilo Angrimani sobre o chamado jornalismo sensacionalista:

[...] Ou seja, se na linguagem do signo ele [o telespectador] se separa da emoção, na linguagem do clichê ele se funde com ela, se entrega a ela. [...] Vários são os clichês que aparecem nos produtos de televisão e que apelam para os sentimentos das pessoas, fazendo-as se emocionar (...) No clichê o acesso à lembrança é espontâneo e natural. O clichê retrata o emocional, que busca insistentemente uma saída

⁶⁰ Repercutiu principalmente no Facebook, mas a página da “operação” já não existe mais.

para a consciência, caracterizada pela forma repetitiva de agir. (apud ANGRIMANI, 1995, p. 38)

Em vez de fazer uma longa exposição de suas opiniões sobre segurança pública e a necessidade da atuação da polícia no combate à violência, Montes simplifica tudo ao reduzir o discurso a esses bordões de fácil entendimento e contágio. É justamente o processo que Sodré associa a bathos, figura de retórica que “expressa o rebaixamento engraçado de um tópico elevado ao lugar-comum discursivo”. (2002, p. 78)

A principal figura de retórica pertinente a essa estética é o bathos, que implica o rebaixamento de uma estrutura qualquer com vistas à sua maior comunicabilidade. Não se trata de um preconceito culturalista, como se a “alta cultura” estivesse olhando de cima para baixo a cultura popular. O rebaixamento é a figura retórica da facilitação. Cujo exagero constituiu um recurso importante na formação do público de massa da televisão brasileira e continua a funcionar, aqui e no exterior, como fator de aglutinação de audiências. Um público enorme é inequivocamente parceiro desse bathos de duvidosas intenções. (SODRÉ, 2010)⁶¹

O modo de pensar segurança pública de Wagner Montes já encontra ecos no senso comum; afinal, como visto no capítulo 3, é uma resposta à demanda da sociedade pelo Estado Penal, que aparentemente seria a grande solução para o problema da violência. O uso da linguagem simples, conhecida, acessível e divertida é uma maneira eficaz, portanto, de reforçar e sustentar esse modelo de pensamento. É um ciclo: primeiro Montes repete em seu programa a opinião que o povo manifesta na rua ao comentar a violência da cidade e do estado – e assim seu discurso é reconhecido pelo público, que com ele se identifica –; depois, é o público quem passa a repetir as frases de Montes, que reduz todo um discurso político de defesa do uso da força policial a expressões e bordões ditos de modo debochado, facilmente reproduzíveis pelo povo nas ruas.

⁶¹ Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/quando-tiririca-e-legiao>. Acessado em 15 de março de 2012.

4.3.2. Análise de reportagens

Vimos no item anterior que o comportamento discursivo de Wagner Montes à frente do *Balanço Geral* reflete uma postura ideológica, uma atitude política: a linguagem tem papel fundamental no incentivo do apresentador (e principalmente na aceitação pelo público) ao estado policialesco. No item que começamos agora, nos propomos a exemplificar cinco reportagens – ou melhor, comentários que Wagner Montes faz a partir das reportagens exibidas em seu programa – que evidenciam as muitas formas pelas quais essa incitação se dá a partir do discurso, ou seja, como se constitui, produz e circula discursivamente.

As pautas sobre crime, violência e polícia, é bom lembrar, não são as únicas do *Balanço Geral*, que também dá espaço a problemas comunitários, dramas e a reportagens mais descontraídas sobre lazer – todos esses supostos temas de interesse das classes que mais assistem ao programa, portanto fundamentais ao sucesso da atração. Nossa escolha pelos comentários das matérias sobre prisões, operações policiais e crimes não se dá apenas por serem esses os temas predominantes no *Balanço Geral*, mas sobretudo porque, evidentemente, é no comentário desse tipo reportagem que se dá a incitação de Wagner Montes à atuação violência da polícia, ao Estado policialesco de que trata este trabalho.

Como o que mais importa para esta análise é a fala de Montes ao fim de cada matéria, faremos aqui uma descrição de cada reportagem considerada, seguida da transcrição e da análise dos comentários do apresentador, além do título e dos comentários que a matéria recebeu no blog do programa, quando for o caso – algumas matérias apresentadas no *Balanço Geral* são reproduzidas no blog do programa.

Reportagem 1

Data de exibição na TV: 24 de maio de 2012

Descrição: O jovem Felipe Augusto Silva, viciado em crack, procurou uma cabine da Polícia Militar para pedir ajuda para se livrar da dependência. A pauta da reportagem é basicamente acompanhar passo a passo a ida do rapaz a uma casa de recuperação. Depois de entrevistar os policiais que receberam o pedido de ajuda de Felipe, que se dizem muito felizes por poder ajudar na recuperação do rapaz – “Isso é muito

gratificante para nós, glória a Deus pela sua vida”, diz um dos oficiais –, a repórter Livia Mendonça entra na van que vai conduzi-lo ao abrigo. Em seguida, a repórter conta que, imediatamente após o pedido de ajuda de Felipe, os policiais entraram em contato com a produção do *Balanço Geral*, o que já evidencia a declarada relação de parceria entre o programa e a “poliçada”. Durante toda a matéria, Felipe mal fala, só se manifestando quando é interpelado, mesmo assim muito timidamente. A expressão de seu rosto é muito triste. Enquanto isso, Livia Mendonça é pura empolgação: “Tá chegando! Promete pra gente que você vai pelo menos tentar? Todos os seus sonhos vão ser realizados ainda, né? A gente não vai desistir de você”, diz a repórter, em tom muito doce e carinhoso. Um fundo musical com saxofone embala o momento.

Wagner Montes:

Muito importante isso que a Livia falou: nós não vamos desistir dele. Esperamos que a família também não desista. Família e amigos têm que acreditar que ele vai sair dessa. Secretaria Municipal de Assistência Social, Rodrigo Bethlem, parabéns aí. Pessoal da DCOD [Delegacia de Combate às Drogas], obrigado! Obrigado, sargento! Obrigado a todos que participaram!⁶²

A análise desta reportagem deve começar pela legenda exibida no vídeo, que classifica Felipe Augusto Silva como “dependente químico” e não como “viciado” ou “drogado”, termos que tantas vezes Montes usou para se referir a dependentes envolvidos em crimes. Agora que buscou recuperação e se submeteu à polícia, Felipe é uma questão de saúde, não de crime – e como “doente”, como vítima, merece o respeito e a compaixão da repórter e o fundo musical comovente. Por isso a escolha do termo “dependente químico”, associado a um contexto médico e não ao universo do crime. Chama atenção também o fato de que o comentário de Wagner Montes transfere o foco da matéria do rapaz para a polícia. Mesmo comentando uma reportagem que não trata de crime, Montes enaltece o trabalho da polícia e ressalta a importância da instituição para a recuperação de Felipe. O sargento que acompanhou o caso recebe agradecimentos – como se, ao ajudar o dependente químico, tivesse prestado favor ao próprio Montes, que assume o papel daquele que zela pelos que precisam, que se inclui no *nós* que não *vamos* desistir de Felipe –, assim como a Delegacia de Combate às

⁶² Disponível em <http://videos.r7.com/viciado-em-crack-pede-ajuda-da-pm-em-benfica-rj-para-se-livrar-da-droga/idmedia/4fbd37efe4b0f740631d8080.html>

Drogas, que é tratada apenas por “DCOD”, mesmo que a maior parte dos espectadores não conheça o significado da sigla – o que vale é demonstrar intimidade. O que está em pauta aqui é o lado social da instituição, ou seja, a polícia não é ideal apenas para garantir a segurança da população e conter os “bandidos”, mas também, ao ajudar a resgatar um dependente químico, cumpre um papel humanitário, de assistência social, que cabe ao Estado. A polícia é a solução e sua importância, seu papel em nossa sociedade, vai além da garantia de segurança pública. É, definitivamente, o Estado policalesco que se defende aqui.

Reportagem 2

Data de exibição na TV: 6 de outubro de 2011

Descrição: Policiais da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Cidade de Deus dão aulas de reforço escolar a alunos com dificuldades de aprendizado. A repórter Lívia Mendonça acompanha um dia do professor/policial Leandro Aragão, que comanda o projeto. Lívia saúda Aragão em sua chegada ao Centro de Referência da Juventude, onde acontecem as aulas, e já começa a matéria enaltecendo a pontualidade do policial: “O responsável pelo projeto acaba de chegar, soldado Aragão, pontual, hein? 7h30 da manhã o senhor já chega aqui!”. Alunos e pais de alunos também são entrevistados e todos exaltam os benefícios das aulas para a comunidade e garantem que o desempenho das crianças melhorou. O texto lido em off tem clichês como “o revólver faz parte do uniforme, mas neste momento a principal arma do soldado é o caderno”. O rigor disciplinar que é característico dos militares está presente na fala do soldado Aragão, que diz que procura disciplinar os alunos, “porque sem disciplina e rotina o aluno não assimila conhecimento”. O objetivo das aulas oferecidas pelos policiais da UPP, segundo o soldado, é “melhorar a vida das pessoas que já sofreram tanto sob o jugo do tráfico”. O projeto inclui escolinhas de futebol, jiu-jítsu, judô, capoeira, caratê, música, reforço escolar e aula de inglês, todas comandadas por soldados. No fim da matéria, um policial/professor da escolinha de futebol põe os alunos em coro para repetir algumas palavras, exatamente como os comandantes militares fazem com os soldados: “Balanço Geral!”, “Wagner Montes” e “Escracha!”.

Wagner Montes:

Uma lição de cidadania: policiais da UPP da Cidade de Deus ajudam crianças com dificuldade de aprendizado em sala de aula! Muito bom,

maior barato! Parabéns ao Leandro Aragão, soldado da Polícia Militar que voluntariamente dedica parte do seu tempo para cuidar dessas crianças. Parabéns, Leandro Aragão, você é um orgulho para a Polícia Militar. Major Romeu, que também trabalha por essa causa, professora Vera, parabéns!

O soldado Aragão é o protagonista dessa reportagem, que o tempo todo exalta a Polícia Militar e os serviços que os oficiais prestam à comunidade. A grande mensagem que a matéria transmite é a de que a Cidade de Deus, agora livre do tráfico, vive muito melhor, com a ajuda dos policiais, que são amigos e servidores da comunidade. Wagner Montes parabeniza os envolvidos nominalmente, como de costume, e reforça a posição de herói que a reportagem atribui a Aragão quando diz que o soldado é “um orgulho para a Polícia Militar”. Ao listar todas as atividades que os soldados comandam na UPP – futebol, jiu-jítsu, judô, capoeira, caratê, música, reforço escolar e aula de inglês –, Aragão remete à fala da antropóloga Alba Zaluar, que, em entrevista à Folha de S. Paulo, disse ver as UPPs como algo positivo, mas defendeu que se ajustem os limites quanto à interferência dos policiais na vida da comunidade:

É preciso deixar que essas associações ocupem o espaço que lhes cabe. A aproximação não se dá pelo policial tocando violão, batucando, ensinando capoeira. O que tem de mestre de capoeira nesses locais! Tem que estar sempre respeitando o cidadão, procurando saber quais são as suas prioridades em termos de segurança, fazendo um policiamento que respeite a dignidade e a liberdade dos moradores. (ZALUAR, 2010)⁶³

A situação dos policiais/professores da UPP, tão elogiada pela reportagem e pelo apresentador do *Balanço Geral*, é uma extensão do Estado policialesco de que falamos neste trabalho. Afastado o traficante, o policial assume o papel de chefe, comandante da comunidade, que conduz com rigor militar. O Estado policialesco é como um subgoverno: o que se vê aqui é a polícia intermediando todas as frentes da cidadania, como segurança, lazer, cultura e saúde. Em entrevista concedida à autora, Wagner Montes defende claramente as UPPs e vê com bons olhos o fato de a atuação da polícia nas comunidades ditas pacificadas ir além do patrulhamento:

[O fortalecimento da polícia] Não é a grande solução [para o problema da violência no Rio de Janeiro], mas é um passo gigantesco rumo a

⁶³ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1006040-operacao-tem-avancos-mas-upp-precisa-de-ajuste-diz-antropologa.shtml>. Acessado em abril de 2012.

uma nova sociedade. Vejo nas UPPs muito mais do que o fim do controle imposto pelos bandidos e traficantes nas comunidades: estamos vivendo no Rio de Janeiro a possibilidade de integração entre a polícia e os moradores. As comunidades ocupadas pelas UPPs são mobilizadas a assumir o papel da prevenção ao crime, por meio de atividades culturais, lazer e oficinas profissionalizantes. É claro que não pode parar por aí. Cabe ao Estado fazer sua parte para que estas pessoas possam ter o seu lugar na sociedade. Mas a semente está sendo plantada. É um caminho sem volta.⁶⁴

Reportagem 3

Data de exibição na TV: 25 de maio de 2012.

Título no blog: PM vai atrás de menores infratores que meteram o pé de viatura⁶⁵

Descrição: Uma van do Departamento Geral de Ações Sócio Educativas (Degase, órgão do governo do estado que executa medidas judiciais aplicadas a menores infratores) foi interceptada por homens armados quando passava pela Linha Vermelha, a caminho do Instituto Padre Severino (centro de reclusão para esses menores). Os homens resgataram três dos doze menores que a van transportava. Outros três aproveitaram para escapar, mas, depois de uma megaoperação policial que envolveu até um helicóptero, foram capturados. O foco da reportagem é o menor conhecido como Cinco Mil, apontado como principal alvo da operação de resgate dos menores. O jovem é acusado de ter ligações com o tráfico de drogas e de roubo à mão armada. “A ficha desse menor é realmente muito extensa”, diz a repórter Cristina Cruz. “Tem ligação com o tráfico de drogas da zona norte à zona oeste do Rio. A polícia continua no encalço desses menores e dos criminosos que os ajudaram a fugir, Wagner”, continua Cruz.

Wagner Montes:

Vamos saber agora como é que estão as buscas pelos três [*pausa dramática e expressão debochada no rosto*] menores infratores que continuam foragidos. Olha, às vezes eu fico chateado com a polícia, sabe? Onde já se viu isso, coitado do menino, não fez nada de mais! Três já foram apreendidos de volta, e eu não posso falar “presos” senão pega mal pra mim. Ai, ai, um dia isso vai mudar. Isso vai mudar!

A principal marca dessa fala de Montes é a ironia, que, pela definição do dicionário *Houaiss*, é uma figura de linguagem “por meio da qual se diz o contrário do que se quer dar a entender”. Ao fazer uma careta e uma pausa antes de usar o termo “menores infratores”, o apresentador chama mais a atenção do público do que se tivesse

⁶⁴ Disponível no Anexo I

⁶⁵ Disponível em <http://noticias.r7.com/blogs/wagner-montes/2012/05/25/pm-vai-atras-de-menores-infratores-que-meteram-o-pe-de-viatura/>. Acessado em maio de 2012.

dito apenas “bandidos” ou “vagabundos”, como costuma classificar os maiores de idade. A expressão facial e a pausa de Montes representam seu questionamento, sua discordância quanto ao termo que acabara de usar. A ironia aqui não é apenas uma maneira de dizer que os jovens não são, na opinião de Montes, “menores infratores” – expressão mais amena, já que a palavra “infração” está associada a um contexto mais suave que “crime” – e sim “criminosos” ou “bandidos”, mas também de contestar, pelo deboche, o modo de pensar daqueles que defendem o emprego do primeiro termo – os defensores dos Direitos Humanos, por exemplo. Exatamente o mesmo acontece em relação ao termo “apreendido” em oposição a “preso” – e aqui Montes manifesta sua insatisfação com o fato de ter que usar a expressão mais suave. O discurso irônico continua quando o apresentador diz que “o menino não fez nada de mais” (no contexto da ironia, a palavra “menino” novamente traz a suavidade e a inocência contrárias à imagem que se quer passar do jovem) e que fica “chateado com a polícia” (com o artifício de dizer o contrário do que se quer dar a entender, essa frase é, portanto, uma grande manifestação de apoio à polícia na operação para capturar os menores que fugiram – ou que *meteram o pé*, na gíria, como diz o título do blog). O discurso irônico aqui não é usado para transgredir e redefinir sentidos, mas como mais um recurso para referendar uma opinião já cristalizada no senso comum, que é a da necessidade de redução da maioria penal – um dos maiores ecos da demanda pública pelo Estado Penal apresentada no capítulo 2, a que Montes se refere quando diz, já desfeito da ironia, que “um dia isso vai mudar”.

Reportagem 4

Data de exibição na TV: 23 de maio de 2012

Descrição: Três homens são mortos depois de trocar tiros com a polícia em Irajá, subúrbio do Rio. Wagner Montes lê a notícia e em alguns momentos a tela se divide entre a fala dele e as imagens dos objetos apreendidos pela polícia, mas na maior parte do tempo o foco é a performance do apresentador.

Wagner Montes:

Três bandidos [*pausa dramática, entra o som de um choro de criança, depois um fundo musical tocante*]. Eles estavam com granadas, dois revólveres [*começa a falar com a voz chorosa e alguém da produção lhe entrega uma bolinha feita de papel molhado*], rádios transmissores, maconha, cocaína, material para endolação [*preparo e*

embalo de droga para ser vendida] e a roupa camuflada. Um dos bandidos mortos [*pausa, novamente o choro de criança*] é suspeito de executar um policial. A polícia [*pausa longa e um suspiro*] teve que reagir à agressão por parte dos marginais [*pega o papel molhado e começa a espremê-lo perto dos olhos, como se a água que caía fosse lágrima*] e eles foram pro saco. Eles foram pro ralo. Eles morreram. E esses policiais perversos... Os bandidos foram mortos. [*aqui começa imitar o modo de falar do “religioso” Inri Cristo*] E nesse momento de dor, momento de muita dor, dor no coração, eu te peço e vou invocá-lo: Oh, pai, oh, meu pai, que os que trocaram tiros com a polícia e encararam a polícia com granadas descansem em paz... [*pisca para a câmara*] NO COLO DO CAPIROTO! Monstrengo, tá me vendo aí? [*fala olhando para baixo, como se falasse com alguém que está abaixo do chão*] Esquenta a caldeira que foram mais três pro colo do capiroto! Três! Mexe a caldeira e esquenta o bumbum deles! Jogaram granada contra a polícia e ainda tinham executado um policial, segundo a polícia. E quer ficar em pé? Não pode! Caroçada! Foi de ralo e dançou! Ah, moleque! [*e faz a dança do capiroto*]

Novamente o que se vê é a ironia – o ato de dizer o contrário do que se quer dizer – como grande marca da fala de Wagner Montes, mas numa forma bem menos sutil que a da notícia anterior. Com a ironia agora beirando o deboche, a fala de Wagner Montes é um grande discurso cômico, quase um número de *stand-up comedy*: ele ali sozinho, centro das atenções, fazendo uma performance para arrancar gargalhadas do público, com direito a efeitos sonoros, fundo musical comovente, dança e bolinha de papel molhado para simular lágrimas, como num show cômico. O plano de cativar a atenção é muito bem-sucedido: o espectador fica preso à atuação de Montes, aguardando pelo clímax, pelo momento em que o teatro será desfeito, que vem quando ele pisca para a câmara e anuncia aos gritos o novo destino dos “vagabundos”: o “colo do capiroto”, ou seja, o inferno. Foram gastos quase quatro minutos de um programa ao vivo com um discurso que informa muito pouco: não se sabe ao certo por que os homens estavam fugindo ou que crime eles são acusados de cometer. Só o que se sabe é que um deles é suspeito de ter matado um policial meses antes e que os três enfrentaram a polícia – e isso já é motivo suficiente para que mereçam a morte, conforme as últimas frases de Montes: “Jogaram granada contra a polícia e ainda tinham executado um policial, segundo a polícia. E quer ficar em pé? Não pode! Caroçada!”. Não pode, diz Wagner Montes. Quem enfrenta a polícia não pode ficar vivo. Quem enfrenta a polícia, a grande instituição que o apresentador e deputado defende, merece tiro (“caroçada”), merece morrer (e ir “para o colo do capiroto”, “de ralo”, “para o saco” e todas as

expressões “marginais” possíveis para designar morte). O espetáculo dramático de Montes não traz nenhuma surpresa, apenas destaca e repete de maneira mais contundente, teatral e chamativa a ideia que ele transmite diariamente em seu programa: “bandidos” têm que morrer e cabe à polícia matá-los.

Reportagem 5

Data de exibição na TV: 29 de maio de 2009

Descrição: Uma escola em Pedra de Guaratiba, zona oeste do Rio, foi assaltada pela quinta vez. Os assaltantes levaram aparelhos de fax, DVDs e painéis. As aulas foram suspensas. A reportagem mostra algumas imagens do colégio.

Wagner Montes:

Quer dizer, eles tão assaltando escolas. Esse é o bandidinho pulga de bunda que eu falo pra vocês. Assaltando lugar onde crianças estudam, onde as mães precisam deixar os filhos. E aí eles não estão respeitando ninguém, **não respeitam as nossas crianças e por isso não podem ser respeitados. Vagabundo não pode ser respeitado.** Principalmente esse tipo de vagabundo que vai assaltar escola e toma as coisas das crianças. Não dá pra ficar calmo. Aí falam ‘ah, o Wagner prega...’, não prego nada! Eu prego a legalidade! Eu prego que a polícia prenda. Eu, Wagner Montes, **torço pra eles reagirem à voz de prisão e a polícia largar o aço e botar eles na vala! Isso eu torço mesmo!** Não vou esconder de ninguém, não sou hipócrita, não sou canalha e falo: eu quero que a polícia prenda dentro da legalidade e em legítima defesa de si ou de terceiros, tudo capitulado no Código Penal. Mas eu particularmente, aqui no fundo, eu torço pra esses imbecis, esses filhos... esses filhinhos, e você completa a frase em casa, que são valentes pra assaltar escola e roubar coisa de crianças humildes, valentes pra roubar painel! Você é um merda, você é um pulga de bunda, um cara que rouba painel! Calma é o cacete [como se falasse com alguém no ponto eletrônico]! Você que rouba painel de uma escola de crianças, rapaz, você quer o quê? **Que elas entrem pro mundo do crime igual você?** Vagabundo, safado, idiota! Não vão entrar, não, amigo. Deus é maior. Vocês não vão conseguir, não. **A polícia tem que ir pra cima mesmo.**⁶⁶

Vários pontos chamam atenção nessa fala de Wagner Montes. O primeiro deles é que o apresentador inicia seu comentário caracterizando os assaltantes como “bandidinhos pulga de bunda”, ou seja, que praticam roubos de pouco valor, que representam pouco perigo. É o tipo também conhecido popularmente como “ladão de

⁶⁶ Transcrito do vídeo “Wagner Montes fala palavrão”. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=2_da8h9sEUo. Acessado em maio de 2012.

galinha”, um ladrão de pouca relevância. Mesmo admitindo que a reportagem não trata de “criminosos de alta periculosidade”, Wagner Montes diz que torce para que sejam não só severamente combatidos, mas mortos pela polícia – como diz em linguagem bem informal, “torço para a polícia *largar o aço e botar eles na vala*”, ou seja, na cova. A julgar pelo discurso de Montes, basta ser “bandido” para merecer uma investida policial pesada, raivosa, além de uma série de xingamentos – “vagabundo”, “safado”, “idiota”. Sua fala é mais um eco de uma sociedade assustada, inflamada pela violência e que sempre pede mais violência. Uma sociedade que se sente desrespeitada e recomenda mais desrespeito como solução – como Montes evidencia ao decretar que os assaltantes são “vagabundos” (praticamente um sinônimo para qualquer tipo de criminoso ou suposto criminoso apresentado no *Balanço Geral*) e que, por não respeitar as crianças da escola, também não podem ser respeitados – não é que não *mereçam* respeito, é que não se *pode* respeitá-los, é errado respeitá-los. Para desqualificar os assaltantes, o apresentador insiste em chamá-los de “ladrões de panela”, e ao mesmo tempo diz que torce por uma atitude que justifique as mortes desses mesmos ladrões de panela pela polícia. Fica claro, portanto, que esse discurso é uma incitação ao ódio disfarçada de clamor por justiça.

Outro momento muito interessante da fala de Wagner Montes é quando o apresentador passa a se dirigir aos assaltantes (a cada um deles, como sugere o uso do singular, “você”) e pergunta se, ao roubar equipamentos da escola, os ladrões querem “que as crianças entrem para o mundo do crime” como eles. Ou seja, admite que ao prejudicar a escola, os assaltantes prejudicam a formação das crianças, o que pode levá-las ao caminho do crime na vida adulta – os alunos de uma escola com poucos recursos são, portanto, *vítimas* de um ensino de má qualidade, que pode formar adultos pouco capacitados a encontrar um emprego e que talvez enxerguem no crime uma alternativa. O que talvez Montes não perceba é que, ao sugerir essa ligação entre ensino de baixa qualidade e crime, ele próprio admite que os “vagabundos” hoje “escrachados” em seu programa podem um dia ter sido as crianças/vítimas de uma educação precária – como essas mesmas pelas quais ele hoje exige respeito. A fala de Wagner Montes é repleta de lugares-comuns como “as mães precisam deixar seus filhos na escola” e “são crianças humildes que precisam estudar”, e assim, pela demonstração de indignação com que fala (deixa “escaparem” palavrões e chega a enfrentar alguém que supostamente o

repreende pelo ponto eletrônico: “Calma é o cacete!”) e pelo clichê, que cativam pela emoção, ele conquista mais adeptos a seu discurso.

Quando Wagner Montes repete gírias e frases prontas como “bandido deve ser tratado como bandido”, “eles merecem é *cana* e *vala!*”, torna-se evidente que seu discurso é um eco e um reflexo do senso comum: são frases que se ouvem muito frequentemente em conversas informais, repetidas exatamente dessa forma. Seus bordões/slogans dão forma e reforçam preconceitos e estereótipos já presentes no imaginário popular. Acontece que Montes não é só influenciado, mas também (e talvez principalmente) ajuda a nortear, construir, sustentar e tem influência nesse senso comum – e, por consequência, na vida política da cidade. Foi com a empatia conquistada por meio do uso da língua, dos regionalismos, das gírias, dos vulgarismos, dos “equivocos”, dos bordões, da ironia, do deboche, do cinismo e dos clichês no *Balanço Geral* – espaço fundamental para a difusão de seu discurso, de aceitação de sua ideologia e de seu modo de pensar segurança pública e incentivar a postura agressiva da polícia – que Wagner Montes foi reeleito deputado estadual em 2010 com o maior número de votos da história política do estado do Rio de Janeiro. E no fim das contas é tudo uma questão de linguagem.

5. Conclusão

E no fim das contas é tudo uma questão de linguagem, concluímos no capítulo anterior. É tudo uma questão de linguagem, continuamos a concluir aqui, justamente porque a linguagem é também uma questão política. Este trabalho teve por objetivo tratar do modo como o uso da língua ajuda a solidificar e a reiterar discursos e ideologias – no caso específico do nosso objeto de estudo, um discurso de exaltação à polícia e à investida violenta contra os chamados “bandidos”. Afinal, é pelo uso da linguagem popular (ou pelo que se convencionou chamar assim) que Wagner Montes pode se aproximar do público que pretende atingir.

A língua é um dos principais elementos que compõem o personagem apresentado por Montes de segunda a sexta no *Balanço Geral*. Wagner Montes é visto como “homem do povo” graças às gírias, às expressões da informalidade, às marcas do falar tipicamente fluminense, ao sotaque e aos vulgarismos – tão veementemente evitados pelo jornalismo que segue o “Padrão Globo de Qualidade”. E como alguém que não fala para o povo, mas que é a própria voz do povo (como ele mesmo se definiu em entrevista à autora), Montes tem legitimidade para reclamar com indignação da violência e exigir soluções agressivas, reverberando assim o discurso que clama pelo “Estado Penal”, sintoma do mal-estar e do medo da sociedade diante do grave quadro de violência urbana.

Mas de nada valem toda a discussão sobre a violência no Rio de Janeiro, o estudo da biografia de Wagner Montes, a análise de seus bordões e o esforço interpretativo de seu discurso em defesa da polícia se perdermos de vista a “África de sofrimento” – para usar uma das expressões preferidas do professor Marcio Tavares D’Amaral em suas aulas na Escola de Comunicação da UFRJ – que existe por trás desse cenário. É claro que não podemos ser deterministas e cair na tentação de uma associação reducionista entre crime e pobreza, mas se no primeiro capítulo concordamos que a miséria pode interpelar o sujeito de modo a levá-lo a reproduzir um comportamento socialmente violento – estimulado pelo desejo de consumo e pelo sentimento de exclusão social, entre outros fatores –, então também havemos de concordar com a letra do grupo carioca O Rappa que diz que “todo camburão tem um pouco de navio negreiro” – e de pau de arara, de trem lotado, transbordando de gente

pelas janelas. Com isso não pretendemos, absolutamente, sugerir que não haja brancos e ricos cometendo crimes. Cabe-nos apenas questionar a diferença no tratamento dado pela polícia e pela mídia (questão de política e de linguagem, portanto): quantos desses já tiveram suas casas invadidas sem mandado judicial? Quantos desses viram de perto um caveirão? Quantos desses já foram escrachados no programa do Wagner Montes, alvos de seus enfurecidos bordões?

Existe uma África de sofrimento, portanto, por trás do carro blindado que espalha terror em favelas, por trás da imagem do homem que é “escrachado” ao vivo por um apresentador de TV porque roubou panelas de uma escola ou porque traficou drogas, da imagem do desdentado que é humilhado por uma repórter por não saber pronunciar corretamente uma palavra. Existe uma África de sofrimento por trás do “bandido” que “merece cana e vala”. Quando percebemos que imagem que permanece na tela enquanto Wagner Montes dispara seus bordões e faz discurso inflamado é sempre a de um homem negro e/ou pobre, algemado e de cabeça baixa, à frente de um painel da polícia, é difícil evitar essa correlação. Não importa que o traficante de drogas que vive na favela seja apenas a ponta aparente de uma organização que vai terminar num “barão” morador de um condomínio de luxo na zona sul da cidade: é o homem que atende ao estereótipo do ladrão e do criminoso que interessa ao “show” do *Balanço Geral* e que é seu alvo mais visível.

Existe uma África de sofrimento por trás (ou por dentro) de uma gente que um dia é retratada como vítima em reportagens de TV – vítima do descaso, do preconceito, do desemprego, da má distribuição de renda, do sistema educacional deficitário – e no dia seguinte pode protagonizar o noticiário no papel do vilão, do “escrachado”, do grande mal a ser combatido pela sociedade. De uma gente que é vítima de preconceito social e também linguístico – até porque não se pode separar sujeito e linguagem. De gente, portanto, tratou este trabalho.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA JR., Benilton. “Três observações sobre a violência no Brasil”. In: FEGHALI, Jandira; MENDES, Candido; LEMGRUBER, Julita (coords). *Reflexões sobre a violência urbana: (In)segurança e (Des)esperanças*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

CABRAL, M.S.A. “Quando Tiririca é legião”. In: Observatório da Imprensa, Ano 16 - nº 700, edição 610. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/quando-tiririca-e-legiao>

_____. “Violência, mídia e política”. In: FEGHALI, Jandira; MENDES, Candido; LEMGRUBER, Julita (coords). *Reflexões sobre a violência urbana: (In)segurança e (Des)esperanças*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

CABRERA, Antonio Carlos. *Almanaque da Música Brega*. São Paulo: Matrix, 2007.

COSTA, Jorge Campos. *A relevância da pragmática na pragmática da relevância*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. *O discurso da violência: as marcas da oralidade no discurso popular*. São Paulo: EDUC/Cortez, 1996.

ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva. *A translação de sentidos entre língua e classe social*. Rio de Janeiro: Uerj, 2010.

FEGHALI, Jandira. “Introdução”. In: FEGHALI, Jandira; MENDES, Candido; LEMGRUBER, Julita (coords). *Reflexões sobre a violência urbana: (In)segurança e (Des)esperanças*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

GIOVINAZZO, R. A. *Um estudo sobre o Desempenho e a Estratégia das Empresas que atuam no Mercado de Bens Populares no Brasil*. São Paulo: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, 2003.

GOMES, Neusa Demartini. *Formas persuasivas de comunicação política: propaganda política e publicidade eleitoral*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. “Imprensa, produção de sentidos e ética”. In: RIBEIRO, Ana Paula G. FERREIRA, Lucia Maria A. (orgs.). *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. *Colonização linguística*. Campinas: Pontes, 2004.

MISSE, Michel. “A violência como sujeito difuso”. In: FEGHALI, Jandira; MENDES, Candido; LEMGRUBER, Julita (coords). *Reflexões sobre a violência urbana: (In)segurança e (Des)esperanças*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SOARES, Luiz Eduardo. “Um decálogo para a segurança pública”. In: FEGHALI, Jandira; MENDES, Candido; LEMGRUBER, Julita (coords). *Reflexões sobre a violência urbana: (In)segurança e (Des)esperanças*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

VELHO, Gilberto. “Violência e conflito nas grandes cidades contemporâneas”. In: VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel6/GilbertoVelho.pdf>. Coimbra, 2004.

ZALUAR, Alba. “Dilemas da segurança pública no Brasil”. In: *Desarmamento, segurança pública e cultura da paz*. Fundação Konrad Adenauer, Rio de Janeiro, ano VI, vol. 3, dezembro de 2005.

ANEXO I

Entrevista concedida pelo apresentador e deputado Wagner Montes à autora deste trabalho, por e-mail.

Existe uma grande diferença entre a linguagem do *Balanço Geral* e a de outros telejornais, que usam um português muito formal. Você acha importante, por exemplo, manter o seu sotaque, as suas gírias, falar como o povo fala nas ruas? Por quê?

Eu sempre digo que o *Balanço Geral* é feito para o povo e pelo povo. Eu nasci na Baixada Fluminense e tenho muito orgulho disso. Não faço tipo, sou desse jeito mesmo e não pretendo mudar. Às vezes eu ouço uma gíria nova na rua e uso no programa. Muitas delas se transformam em bordões conhecidos pelo público, como o “Escraaacha”, que já virou uma marca registrada minha. Acredito que tenho um público fiel, pois sabem que sou verdadeiro e autêntico. O público não é bobo. Sabe quando fingem ser o que não são.

O que você acha dos jornais que usam uma linguagem "padronizada", sem sotaque, sem registros regionais?

Acho muito ruim. O jornalismo já é uma profissão muito concorrida. Todo mundo sabe a dificuldade que é entrar numa grande emissora como Record ou Rede Globo. Se começarmos a escolher os jornalistas pela sua maneira de falar, pelo sotaque, daquilo ele que herdou de sua terra natal, estaremos ceifando profissionais que podem ser brilhantes, competentes e que poderiam engrandecer o nosso jornalismo. Infelizmente sabemos que algumas emissoras pegam pesado nessa padronização do idioma brasileiro e muitos acabam se adequando a ele, mas não concordo.

Qual é a importância do humor no seu discurso?

No meu programa, muitas vezes utilizo o humor para dar uma aliviada nas notícias que vão ao ar. Sei que tenho muitas crianças, e adolescentes que me assistem. Mas há tempo para tudo. Tem coisas que não dá para brincar. Como sempre digo, nunca sei o

que vai ao ar e quando vejo que a matéria é um pouco pesada dou aquela descontraída. O formato do programa permite isso.

Você tem um site oficial, tem o blog Escracha e tem mais um blog dentro do R7, além do perfil no Twitter. Por que você acha importante estar conectado? Você gosta da internet?

Por ter uma vida muito corrida, eu uso bastante a internet para me manter informado e principalmente manter contato com o meu público, tanto através do meu site, como do meu blog e do twitter. A internet me dá essa possibilidade de falar direto com as pessoas e até receber sugestões no meu trabalho. Normalmente, eu uso a internet pela tarde. Logo após o programa entro no twitter para responder ao público que estava assistindo e a noite que é quando eu paro com mais tempo para responder os emails. Tenho uma equipe que me assessora também por que não consigo dar conta de tudo.

Quantas pessoas trabalham na sua equipe de assessoria de imprensa? Ao todo, quantas pessoas você diria que trabalham pra você hoje, como deputado e apresentador?

Na minha assessoria de imprensa são quatro profissionais que me ajudam. Na Alerj e na Record não tenho como dar o número exato de pessoas, mas posso te garantir que não é muita gente. Não primo pela quantidade e sim pela qualidade de meus funcionários.

Seu perfil no blog diz que sua atuação ao longo de 31 anos a TV "é marcada pela luta pelo fim das desigualdades sociais e ainda pelo sentimento de solidariedade". Você alguma vez teve medo de, abordando temas tão populares, ser visto como demagogo ou sensacionalista?

Nunca tive, não, e nem me preocupo com isso. Eu sempre fui muito transparente e sincero em tudo que faço, sem me preocupar se estou agradando ou não. O mandato de parlamentar me dá o respaldo que preciso para atender as necessidades dos menos favorecidos, e é o que sempre me propus a fazer. Como já disse algumas vezes, em meu programa, quando sou procurado por aqueles que realmente precisam do meu apoio, de uma voz que grite por eles, vou fundo. Apelo para as autoridades competentes e a solidariedade de outras pessoas. Sei que algumas cenas são chocantes, mas é preciso

que sejam mostradas. Sou a voz desse povo. Se isso é sensacionalismo, então vou continuar sendo sensacionalista. O que importa é que essas pessoas atendidas; seja na saúde, segurança, educação e outras áreas carentes saibam que aqui tem uma voz que luta por seus direitos.

Você acha que o jornalismo popular (tanto do seu programa de TV como de jornais como *Meia Hora*) sofre preconceito?

Acho que tem espaço para todos. Tudo depende do público que você quer atingir. No caso do *Balanço Geral* e de todos os trabalhos que tive a oportunidade de participar, a linguagem popular se fez presente. Esse é meu perfil. Eu sou assim. Sempre tive audiência e sucesso em tudo o que fiz graças a Deus. Tenho um público fiel que vem crescendo cada vez mais independente de classe social, religião ou faixa etária. A receita é fazer o que gosta com honestidade, transparência e bom humor.

Sua estreia foi em 1974, na Radio Tupi, certo? Você sempre quis ser um comunicador?

Bem, nessa época eu ouvia muito o Paulo Ricardo que era repórter da rádio Tupi, e fui muito influenciado pelo jeito que ele apresentava suas matérias. Quando o conheci pessoalmente ele me convidou para ir à rádio e acompanhar o seu trabalho, e vi que meu caminho estava traçado. Aprendi muito com ele. A rádio Tupi me abriu as portas e me deu a oportunidade que agarrei com força. Segui na carreira jornalística e não parei mais. É algo que faço com muita dedicação, sinceridade e transparência.

Do que você mais se orgulha na sua carreira de comunicador?

Da credibilidade e do reconhecimento que conquistei junto ao meu público. Isto não tem preço. Reconhecimento este que só se faz presente devido à seriedade do meu trabalho. A minha voz é a voz do povo. E me orgulho sim, de usar os meios de comunicação para atender a população.

Já vi entrevistas em que você diz que o Silvio Santos é seu grande mestre e padrinho. Por quê? De que maneira ele te ajudou na vida?

Após minha passagem pela TV TUPI, fui contratado pelo Silvio Santos e fiquei durante 17 anos no SBT. Particpei do Show dos Calouros que foi um marco na minha carreira. Nesse período aprendi muito com o Silvio Santos, e também foi lá que conheci a Sônia Lima com quem sou casado até hoje, fiz grandes amigos e abri as portas para o mundo televisivo. O Silvio sempre foi e será um grande amigo e profissional. Me lembro de quando fazia parte do programa *O Povo na TV* e passei pelo momento mais difícil da minha vida, quando sofri um acidente e perdi a perna. Ele me deu todo apoio, me estendeu a mão e inclusive me deu a primeira perna mecânica.

Quais comunicadores você diria que serviram/servem de referência pra você, que são suas influências?

Como já disse, o Paulo Ricardo, repórter de maior sucesso na época e em quem me inspirei, foi que me levou a buscar o caminho do jornalismo. O Silvio Santos, com quem durante 17 anos tive o prazer de conviver. Não posso deixar de falar do Flávio Cavalcanti, um dos maiores apresentadores da TV brasileira, que também era um grande amigo e profissional. Quando precisei substituir um profissional como ele, sabia que não era uma tarefa fácil. Mas fiz com muito carinho e respeito que ele merecia.

Hoje você apresenta sozinho um programa de TV ao vivo de enorme duração, com boa audiência, e foi o deputado estadual mais votado do Rio em 2010. Você acha que está no seu auge?

Eu acho que nunca podemos dizer que conseguimos alcançar o auge. Sou jornalista, advogado, apresentador de TV e deputado. Mas é lógico que tenho novos objetivos, ambições e muitas coisas a serem realizadas, até porque isso nos motiva a continuar vivendo em busca de novas vitórias.

Na política, você pretende ir mais além? Candidatar-se a prefeito, governador? Pretende alçar voo político fora do Rio?

Estou no meu segundo mandato e como o deputado mais votado do Rio de Janeiro. Isso mostra que estamos realizando um bom trabalho. Tenho aperfeiçoado minha experiência na vida pública, e se for da vontade de Deus que é a hora de almejar voos

mais altos em me tornar prefeito, governador ou senador, estarei pronto para concorrer. Mas no momento estou trabalhando com muita garra como deputado estadual do Rio de Janeiro pelo bem da população.

Você considera que o fortalecimento da polícia é a grande solução para o problema da violência no Rio? Qual a sua opinião sobre a polícia do estado do Rio?

Não é a grande solução, mas é um passo gigantesco rumo a uma nova sociedade. Vejo nas UPPs muito mais do que o fim do controle imposto pelos bandidos e traficantes nas comunidades: estamos vivendo no Rio de Janeiro a possibilidade de integração entre a polícia e os moradores. As comunidades ocupadas pelas UPPs são mobilizadas a assumir o papel da prevenção ao crime, por meio de atividades culturais, lazer e oficinas profissionalizantes. É claro que não pode parar por aí. Cabe ao Estado fazer sua parte para que estas pessoas possam ter o seu lugar na sociedade. Mas a semente está sendo plantada. É um caminho sem volta.

Muitos antropólogos e cientistas sociais defendem que a miséria e a desigualdade social levam pessoas ao crime. Você concorda com essa teoria?

Nem sempre a desigualdade social pode ser responsabilizada pelo desvio de conduta ou uma vida voltada para o crime de alguns cidadãos. Conheço vários exemplos de pessoas que como eu nasceram em famílias humildes, passaram necessidades ao longo da vida e se tornaram pessoas integras. É sempre bom lembrar a importância de se investir na educação das nossas crianças e na punição aos criminosos independente da sua classe social. A impunidade em todo país é um péssimo exemplo à criança.

Nesse caso, você acha que os criminosos, "os vagabundos", podem de alguma maneira ser vistos como vítimas do nosso sistema desigual?

Por mais que a situação esteja difícil temos sempre a possibilidade de escolher que lado seguir. A grande maioria da população brasileira é gente de bem, humilde, honesta e batalhadora. Eu mesmo para chegar aonde cheguei tive que ralar muito. Já fui garçom, vendedor de camisas e até atrás de um balcão de açougue fiquei. Não tenho vergonha nenhuma de falar isso. Ao contrário, tenho orgulho de servir de exemplo para essa garotada. Fico triste com o sofrimento dos pais que lutaram para colocar o cidadão no

mundo e o vê virando criminoso. Nenhuma mãe, nenhum pai cria um filho para ser bandido. Mas uma coisa é certa e não deixo de repetir: precisamos investir mais na educação das crianças. Investindo bastante em educação vamos ter a médio e longo prazo uma criminalidade muito menor.

Certa vez li uma entrevista de Julita Lemgruber, primeira mulher a dirigir o sistema penitenciário do RJ, em que ela dizia o seguinte sobre as prisões: "Nunca imaginei que a prisão pudesse ser instrumento de reabilitação, porque destrói os indivíduos, os laços familiares e aniquila a autoestima. Acredito que, se a pessoa não for violenta, tem que ser punida com prestação gratuita de serviços à comunidade. A prisão é um investimento na nossa própria insegurança. É evidente que essas pessoas vão sair piores do que entraram." O que você acha dessa declaração?

Concordo parcialmente, porque acho que nossas cadeias realmente não recuperam ninguém. Falta tudo, principalmente estímulo como trabalho e educação para que nossos presos se recuperem e possam ser reintegrados a sociedade após cumprir à pena. Mas é assim: se errou tem que pagar pelo crime que cometeu! Com certeza acho que em nosso país os presos têm poucas condições de recuperação se depender apenas da ressocialização dentro das penitenciárias.

Você é a favor da pena de morte?

Já fui, mas hoje não sou mais. Nossa Justiça tem muitas falhas e inocentes podem pagar pelo que não fizeram!

ANEXO II



FOTO 1: Capa da revista Sétimo Céu dedicada a Wagner Montes. Editora Bloch, 1981.

DO SONHO DE SER POLICIAL

à luta pelo povo, na TV

Depois de passar por um dos momentos mais dramáticos de sua vida, Wagner Montes, sem se deixar abater, agradece a Deus por estar vivo, confessa o seu sonho de ser policial desde criança e diz que ao voltar à televisão não vai mais bater no peito, mas na cara dos inimigos.

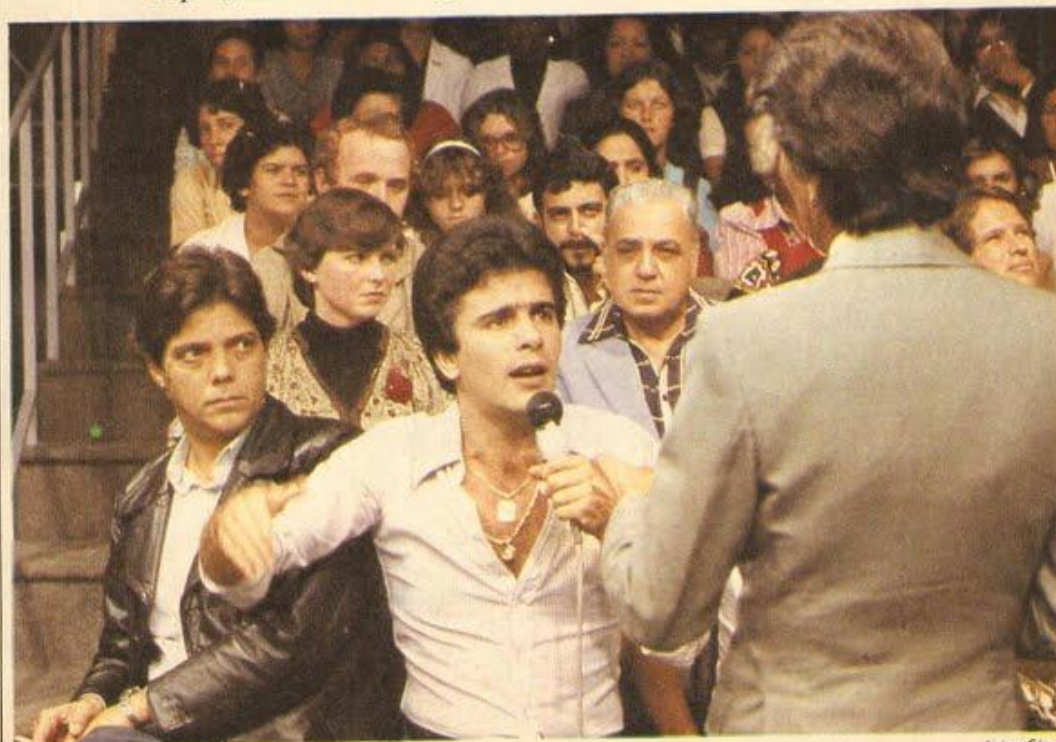


FOTO 2: Wagner Montes na revista “Sétimo Céu” logo após o acidente que o fez perder a perna direita.

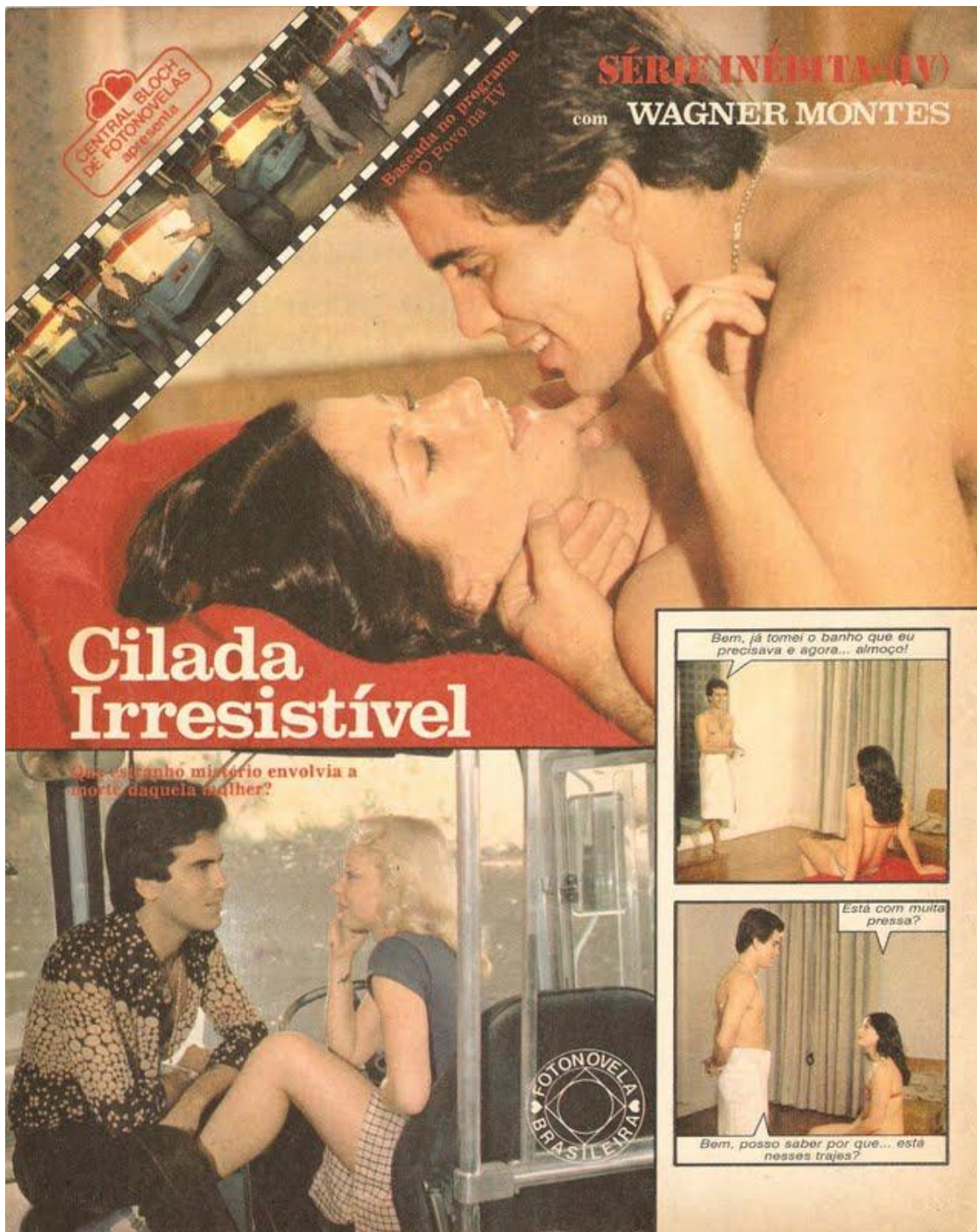


FOTO 3: Uma das várias fotonovelas que Wagner Montes estrelou na revista "Sétimo Céu". O ano é 1981.

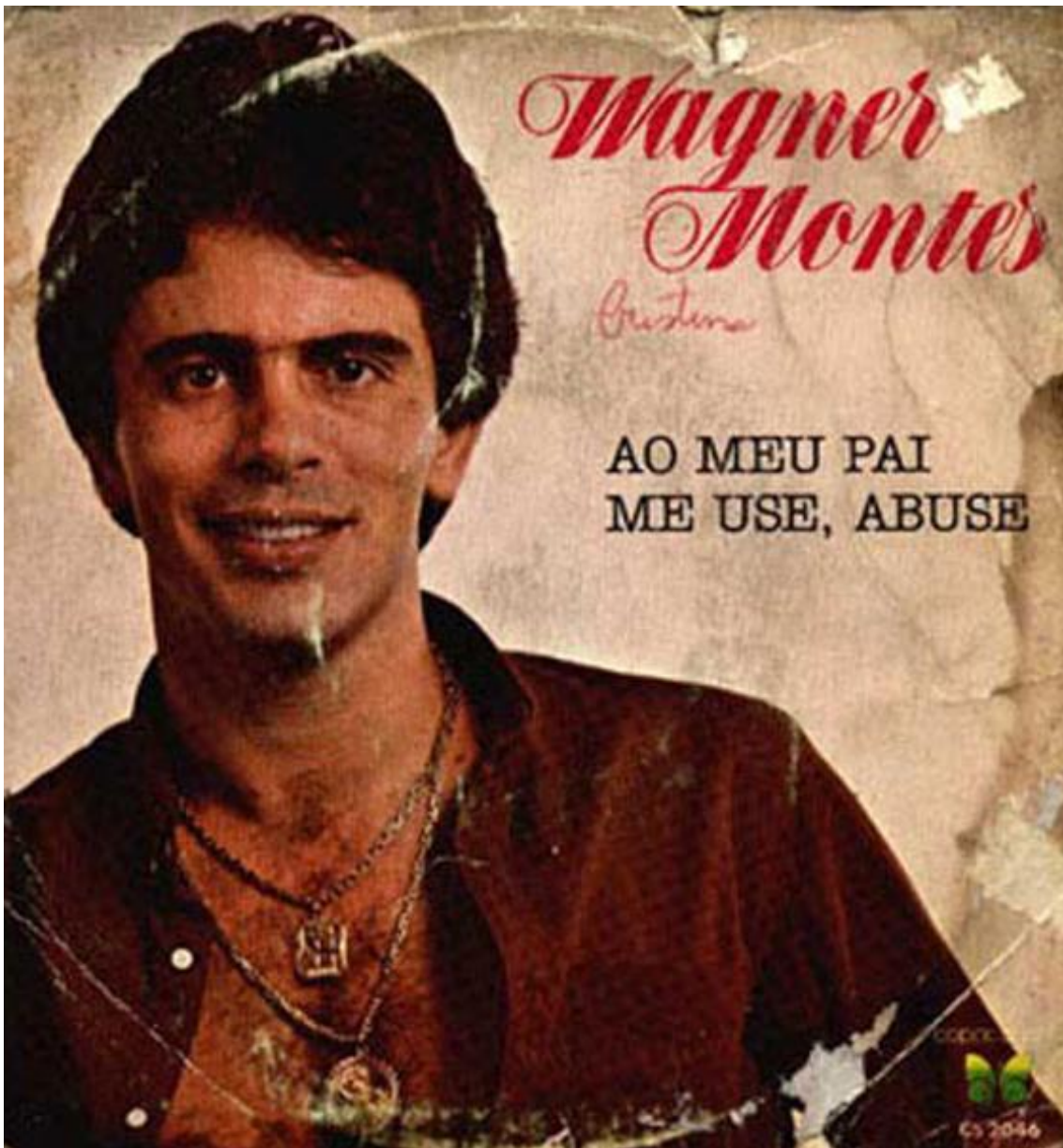


FOTO 4: Capa do primeiro disco de Wagner Montes, “Ao meu pai. Me use, abuse”, de 1982.



FOTO 5: Capa do segundo disco de Wagner Montes, “Renascer”, de 1984.